



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DÉBORA EVELLYN ALVES PIRES

**A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO DE
CRIANÇAS RESIDENTES EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ACOLHIMENTO
EM FORTALEZA/CEARÁ**

FORTALEZA

2019

DÉBORA EVELLYN ALVES PIRES

A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO DE CRIANÇAS
RESIDENTES EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ACOLHIMENTO EM
FORTALEZA/CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José Albuquerque da Silva

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

Pires, Débora Evellyn Alves.

A afetividade e o desenvolvimento sociocognitivo de crianças residentes em instituição pública de acolhimento em Fortaleza/Ceará/ Débora Evellyn Alves Pires – 2019.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2019.

Área de Concentração: Afetividade.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria José Albuquerque da Silva.

1. Relação afetividade e desenvolvimento sociocognitivo. 2. Instituição de acolhimento. 3. sócio educadores.

Fortaleza (CE).

DÉBORA EVELLYN ALVES PIRES

A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOGNITIVO DE CRIANÇAS
RESIDENTES EM INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ACOLHIMENTO EM
FORTALEZA/CEARÁ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José
Albuquerque da Silva

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria José Albuquerque da Silva (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Jakeline Alencar Andrade (Membro)

Universidade federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Me. Nivânia Menezes Amâncio (Membro)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele eu não seria nada.

Depois a minha mãe, que é a minha base e que apesar de todas as dificuldades pelas quais passamos, sempre me apoiou em tudo, assim como toda a minha família.

Ao meu amor, Marcelo, que me apoia sempre em todas as minhas escolhas.

Às minhas amigas maravilhosas, Tereza e Rafaela que me fizeram superar todas as adversidades que foram surgindo ao longo da nossa caminhada, transformando tudo em risadas.

E a minha orientadora, que me ajudou a dar vida a esta pesquisa e a superar todos os percalços que foram surgindo ao longo desta construção.

RESUMO

O trabalho aborda sobre afetividade e o desenvolvimento socio cognitivo de crianças residentes em uma instituição pública de acolhimento em Fortaleza/Ceará. Tem como objetivo investigar o papel da afetividade no desenvolvimento sócio cognitivo de crianças residentes em uma instituição pública de acolhimento, bem como no ambiente escolar na cidade de Fortaleza/Ceará. Para fundamentar as discussões sobre afetividade, os meios familiar e social nos quais os indivíduos estão inseridos e o desenvolvimento sócio cognitivo utilizamos as contribuições de autores, tais como: Wallon (2007), Vigotsky (1991; 2007), Galvão (1995), Batista (2016), dentre outros. A metodologia consistiu em pesquisa qualitativa, com o uso da entrevista com roteiro semiestruturado com uma socio educadora da instituição de acolhimento e com uma professora da rede pública municipal de ensino. Foi usado, ainda, a técnica da observação da criança investigada, duas no abrigo e duas na escola em que estuda, buscando compreender como se comporta com as pessoas que a cercam. Como resultado, foi possível verificar que ambas as instituições educativas têm dificuldade de lidar com os problemas causados pelo abandono da criança; mas a mediação dos conflitos ocorre a partir das relações afetivas, sobretudo, das profissionais que acompanham o dia a dia das crianças. Além disso, os resultados evidenciam que essas relações têm contribuído para promover o desenvolvimento sócio cognitivo da criança. Para concluir, constatamos que a afetividade tem papel relevante no desenvolvimento sócio cognitivo da criança, e que tanto um quanto o outro devem ser trabalhados concomitantemente, sem privilégio de um ou do outro, a fim de evitar comprometer as múltiplas dimensões que constituem o ser humano - afetiva, socio emocional e cognitiva.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento socio cognitivo. Instituição de acolhimento.

ABSTRACT

The work addresses on affectivity and the socio-cognitive development of children living in a public reception institution in Fortaleza/Ceará. It aims to investigate the role of affectivity in the cognitive socio-development of children living in a public reception institution, as well as in the school environment in the city of Fortaleza/Ceará. To support discussions on affectivity, the family and social media in which individuals are inserted and cognitive socio-development use the contributions of authors, such as: Wallon (2007), Vigotsky (1991; 2007), Galvão (1995), Batista (2016), among others. The methodology consisted of qualitative research, with the use of the interview with a semi-structured script with a socio educator of the host institution and with a teacher from the municipal public school system. The technique of observing the investigated child was also used, two in the shelter and two in the school in which he studies, seeking to understand how he behaves with the people around her. As a result, it was possible to verify that both educational institutions have difficulty dealing with the problems caused by the abandonment of the child; but the mediation of conflicts occurs from affective relationships, especially from the professionals who accompany the daily lives of children. In addition, the results show that these relationships have contributed to promote the cognitive socio-development of the child. In conclusion, we found that affectivity plays a relevant role in the child's cognitive socio-development, and that both one and the other should be worked concomitantly, without privilege of one or the other, in order to avoid compromising the multiple dimensions that constitute the human being - affective, socio-emotional and cognitive.

Keywords: Affectivity. Cognitive socio-development. Host institution.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA E AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E COGNIÇÃO	14
2.1. O desenvolvimento da criança a partir do meio social	14
2.2. A afetividade e suas formas de se expressar no mundo	18
2.3. A família como instância educativa e suporte para a vida social	22
2.4. Dimensão socio cognitiva e afetividade: em busca do desenvolvimento integral	26
3. METODOLOGIA.....	32
3.1. Tipo de pesquisa.....	32
3.2. Sujeitos da pesquisa	34
3.3 Locais da pesquisa	36
3.4. Instrumentos para a construção dos dados	38
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	41
4.1. A observação na instituição de acolhimento.....	41
4.2 Observações na Escola.....	44
4.3 Entrevista com a socio educadora e com a professora	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	63
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM A SÓCIO EDUCADORA.....	64
APÊNDICE C – ANEXOS.....	65

1. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira passou a olhar com mais atenção para a questão educativa que atinge nossas crianças no dia a dia. Muito se fala que um ambiente familiar saudável contribui fortemente para que o processo educacional seja bem-sucedido, mas ao mesmo tempo uma grande parcela de crianças fica de fora dessa busca por uma educação de qualidade.

Pouco se sabe sobre pesquisas que busquem conhecer mais sobre crianças que estão em situação de extrema vulnerabilidade social e que são excluídas do convívio familiar, seja por abandono ou por outro motivo qualquer. Em tais circunstâncias, as crianças são privadas da afetividade necessária da família e, ao ser levada para uma instituição pública de acolhimento, sofrem ainda mais e, conseqüentemente, essa falta de afetividade pode resultar em problemas no seu desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo. Apesar da gravidade do assunto, no entanto, essa temática requer mais atenção no âmbito das discussões e debates educacionais.

Partindo do pressuposto de que a falta da afetividade traz conseqüências para o dia a dia da criança que pode ter sido abandonada, ou até mesmo retirada de forma obrigatório do seu ambiente familiar de origem, é necessário buscar conhecer os aspectos atingidos por essa dificuldade. Como já anunciado, a sociedade e atual compreende que um ambiente familiar saudável se torna essencial para a educação e desenvolvimento do sujeito, assim como corrobora Almeida, quando diz que:

Afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo a criança a atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (2008, p. 350)

O cotidiano da criança é quem vai definir seu modo de agir e pensar e por isso é importante que esteja inserida em um ambiente saudável para que assim possa se desenvolver de maneira integral. Dessa forma podemos compreender que se torna “inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante” (WALLON, 2007, p. 122), e partindo disso

buscar por maneiras melhores de cuidar dessas crianças que vivem à margem da sociedade e que precisam do meio afetivo para crescer e se desenvolver de maneira satisfatória.

Justificativa

A pergunta motivadora deste trabalho surgiu a partir do ingresso no programa de estágio oferecido pelo Governo Estadual do Ceará, cuja proposta é levar profissionais em formação de diversas áreas para que possam auxiliar em instituições de acolhimento que são mantidas pela rede estadual.

Dessa forma, comecei a estagiar, no ano de 2018, um abrigo localizado no município de Fortaleza, com o objetivo de dar reforço nas atividades escolares para as crianças com faixa etária entre 5 e 8 anos, que são residentes na instituição, no período de realização das atividades escolares e a partir do convívio com a realidade na qual estão inseridas, surgiram inquietações que me fizeram despertar para este tema.

O presente estudo para a realização da pesquisa, tratou de crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social e que foram retiradas ou abandonadas por suas famílias; que por conta da situação familiar em que se encontram, isso possa prejudicar o seu aprendizado.

Apesar de todas as medidas tomadas e a assistência ofertada às crianças por parte do governo, infelizmente não se pode afirmar que elas recebem a atenção necessária para um desenvolvimento integral. É de suma importância essa preocupação, pois quando se pensa na qualidade de educação, surge o questionamento sobre o sujeito na instituição escolar, mas o meio no qual está inserido, fator primordial para o bem-estar físico e psicológico, é deixado de lado. Ressalta-se também o fato de que a partir das minhas pesquisas, foram encontrados poucos estudos que colocam a criança que se encontra em situação de vulnerabilidade como peça importante no processo de educação. Em vista disso, a presente investigação visa contribuir para ampliar os estudos dessa temática, trazendo tanto o olhar das duas instituições educativas, quanto da própria criança acerca do seu desenvolvimento afetivo e socio cognitivo.

Problemática

Em se tratando, portanto, de compreender melhor a criança em situação de vulnerabilidade social no contexto educacional, traçamos como problemática central do estudo: qual o papel da afetividade no desenvolvimento socio cognitivo da criança que reside em uma instituição pública de acolhimento na cidade de Fortaleza/Ceará?

Delineamos, mais especificamente, as seguintes questões de pesquisa:

I) Qual a relação que as crianças estabelecem entre si e com os sócio educadores da instituição e o que eles representam em termos afetivos?

II) De que maneira a instituição escolar lida com crianças residentes em instituições de acolhimento?

III) De que forma a afetividade interfere na dimensão socio cognitiva da criança e no seu aprendizado?

Objetivos

Tendo em vista a problemática suscitada, temos como objetivo geral:

Investigar o papel da afetividade no desenvolvimento socio cognitivo de crianças residentes em uma instituição pública de acolhimento, bem como no ambiente escolar na cidade de Fortaleza/Ceará

Os objetivos específicos são, respectivamente:

I) Averiguar as relações que as crianças estabelecem com os socio educadores da instituição e o que eles representam em suas vidas;

II) Evidenciar a maneira como a escola lida com as crianças residentes em instituições de acolhimento:

III) Identificar de que forma a afetividade interfere na dimensão socio cognitiva da criança e no seu aprendizado;

Referencial Teórico

No referencial teórico abordamos acerca da afetividade e o desenvolvimento socio cognitivo na constituição do sujeito, bem como a influência do meio sociocultural

na formação da criança, além do conceito de família como espaço de interações sociais e afetivas. Para tanto, dentre os autores que fundamentam o estudo destacamos Wallon (2007), Vigotsky (2007) e Galvão (1995), que nos trazem um olhar crítico e reflexivo para compreender a educação como instância de formação humana, tanto individual quanto coletivamente.

Metodologia

Na investigação optamos pela metodologia do tipo qualitativa, com um estudo de caso. O lócus da pesquisa compreende a instituição de acolhimento da rede estadual chamada de Abrigo Nossa Casa, localizada no município de Fortaleza, no bairro João XXIII.

Os participantes do estudo foram: uma criança de 7 anos de idade que reside no abrigo e que frequenta uma escola da rede pública municipal; a sua professora e a socio educadora responsável pelas crianças na instituição de acolhimento. Como instrumentos para coleta de dados foram selecionados a entrevista com roteiro semiestruturado, realizada com a professora e a socio educadora, cujos registros foram feitos mediante anotações num diário de campo e gravação no celular, devidamente transcritas e digitadas. Foi usado também o instrumento da observação da criança tanto no espaço do abrigo quanto no ambiente escolar. E para complementar melhor os momentos de pesquisa, optamos também por registros fotográficos, preservando a identidade das pessoas investigadas.

Apresentação dos capítulos

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo eles: Introdução; Referencial Teórico; Metodologia; Análise de Dados e por fim as Considerações Finais. A introdução constitui o capítulo 1, apresentando a justificativa do estudo, problemática, objetivos, referencial teórico e do tipo de metodologia e seus instrumentos de coleta de dados. O capítulo 2 apresenta o referencial teórico contendo conceitos fundamentais do estudo, dividido em quatro subseções: o meio social e o desenvolvimento do indivíduo, o papel da afetividade no comportamento do indivíduo, o meio familiar e sua importância no desenvolvimento da criança e desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e sua participação na vida escolar. O capítulo 3 aborda a metodologia do estudo, apresenta o tipo de pesquisa escolhido, o lócus, os sujeitos participantes e os instrumentos utilizados

para a construção dos dados. No capítulo 4, temos a análise dos dados, em que abordamos o resultado da pesquisa, relacionando com o referencial teórico usado; e por fim, o capítulo 5, com as considerações finais, seguido das referências e apêndices.

2. DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA E AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

O capítulo trata do referencial teórico do estudo, debruçando-se sobre conceitos centrais que contribuem com a constituição social dos indivíduos, considerando a relação entre escola e família, bem como a relação entre afetividade e cognição, desenvolvimento e aprendizagem, buscando entender melhor de que modo os afetos e sentimentos interferem no desenvolvimento cognitivo das crianças, sobretudo, em situação de acolhimento social. Para tanto, recorremos a autores tais como Wallon (2007), Almeida (2008), Galvão (1995; 2003), Vigotsky (1991; 2007), Vieira (20--?), etc.

2.1.O desenvolvimento da criança a partir do meio social

Falar sobre afetividade num mundo dominado pelo fascínio das pessoas diante da tela de um celular ou de um computador, que acabam por privilegiar relações virtuais em detrimento de contatos reais, parece ser de fato um enorme desafio. Isso porque não nascemos para viver sozinhos e precisamos interagir com as pessoas, de modo que tal convivência depende muito do que sentimos e do quanto estamos dispostos a fazer parte da vida dos outros, permitindo, ao mesmo tempo, que participem e interfiram naquilo que somos ou que fazemos.

Assim, desde o surgimento da humanidade sempre houve registro de indivíduos que viviam em grupos, formados por diversas razões, dentre elas, as principais são a proteção e a necessidade de se socializar. Com o tempo, a convivência permitiu uma maior evolução nos relacionamentos estabelecidos entre os indivíduos, como corrobora Almeida:

O meio social é uma circunstância necessária para o desenvolvimento do indivíduo. Sem ele, a civilização não existiria, pois foi graças a agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade. (2008, p. 348)

Ao nascer o sujeito não tem a real consciência do papel que ele representa na sociedade da qual ele faz parte. Segundo Galvão (2003, p. 80):

[...] o estado inicial da consciência pode ser comparado a uma nebulosa, uma massa difusa na qual se confundem o próprio sujeito e a realidade exterior. A criança não se vê como entidade permanente e coesa; instável, sua personalidade pode ver-se fragmentada, dispersa, ou fundida em elementos das circunstâncias exteriores.

É a partir da interação com outras pessoas que o indivíduo se forma. A partir do nascimento temos a necessidade do contato humano, pois sem alguém responsável, capaz de cuidar, a criança não consegue se defender, se alimentar sozinha e conseqüentemente não se desenvolve. Além do aspecto fisiológico, o indivíduo também é determinado de forma social, ou seja, cria uma “dupla história, a de suas disposições internas e a das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência” (GALVÃO, 1995, p. 29).

Desde o início a criança age diretamente sobre o meio humano, para através dele conseguir satisfazer suas necessidades, seja alimentação, higiene, etc. e é através desse intermédio que o sujeito passa a ter contato com os outros aspectos do contexto no qual está inserido. Dessa maneira, podemos afirmar que mesmo a atividade mais elementar não encontra outro meio para se manifestar se não for a partir das condutas externas, ou seja, depende exclusivamente das circunstâncias atuais.

A formação da personalidade da criança como ser histórico e social tem início logo na infância e as pessoas que o rodeiam são responsáveis por integrá-la na sociedade, na cultura da qual faz parte, estabelecendo limites, regras e direitos de precisa para se socializar. É nos modelos que fazem parte do dia a dia do indivíduo que ele se espelha, aprendendo sobre o que é permitido ou não. Dessa forma percebemos que “a ideia de uma personalidade que se forma isolada da sociedade é inconcebível” (GALVÃO, 1995, p. 91).

Devido ao fato de que a criança não sabe lidar de maneira independente por ainda não estar apta a se manter sem a ajuda de um adulto, é de extrema importância que os responsáveis saibam lidar com as diversas fases do seu crescimento e

desenvolvimento. Apesar de muitas vezes não se ter consciência, é o meio que contribui com as ações humanas, sejam elas determinadas por desejos ou necessidades, mas segundo Wallon:

A criança permanece meses e anos sem poder satisfazer nenhum de seus desejos sem ser com a ajuda do outro. Portanto, seu único instrumento será o que as põe em relação com os que a rodeiam, isto é, as suas reações que suscitam no outro condutas proveitosas para ela e reações alheias que anunciam essas condutas ou condutas contrárias. (2007, p. 41)

Durante o desenvolvimento da criança ela passa a conviver mais com outros espaços sociais, além do que ela já conhece. À medida que vai se desenvolvendo, vai interagindo, e vice-versa; não somente com seus familiares; mas, também com outras pessoas nos diferentes ambientes sociais que começa a frequentar, tais como aquelas que encontra na sua escola.

É a partir da exploração do mundo externo à vida cotidiana da criança, a busca pelo novo, que vai possibilitar que ela saia de sua zona de conforto, visto que as “situações sociais não são psicologicamente neutras. Pelo contrário, convidam e promovem certas experiências subjetivas e tendências psicológicas associadas” (LEME, 2003, p. 101).

Assim, durante o seu processo de crescimento e desenvolvimento a criança vivencia situações que ajudam na sua adaptação e, a partir dela, evolui e se integra de diversas formas no meio social. (WALLON, 2007). Todas as relações nas quais ela se encontra, seja a família, a escola ou outros tipos de contatos, confirmam que essa integração é de extrema importância, pois é mediante essas instituições que o indivíduo interage com os outros, tornando-se gradativamente capaz de conviver em sociedade.

Quando a criança chega na escola ou em outras instituições onde vai ter contato com pessoas de fora do seu convívio familiar, é necessário que se considere que esse indivíduo, apesar do pouco tempo de vida, já possui uma certa carga de experiências consigo, pois o meio social resulta de diversas culturas, e seu psicológico fica marcado por essa trajetória, haja visto que “os processos cognitivos e afetivos, os modos de pensar e sentir, são carregados de conceitos, relações e práticas sociais que os constituem como fenômenos históricos e culturais”. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 28).

Dessa maneira, podemos compreender que a criança passa a agir de forma mais direta no meio em que está inserida; e, apesar de ainda não ter atingido total independência, já consegue ser responsável por determinadas ações que, conseqüentemente, afetam na formação de sua personalidade.

Durante o crescimento, a criança lida não somente com os fatores biológicos que fazem parte de seu desenvolvimento, mas também com os fatores sociais que transformam o sujeito a partir das vivências do seu dia a dia. Um dos fatores biológicos que depende do social é a linguagem. Sobre isso, Leme afirma:

a comunicação já ocorre anteriormente ao desenvolvimento da linguagem, por meio de gestos, vocalizações, ou mesmo ajustamento do olhar. Quando a linguagem é dominada, é mais no sentido de aperfeiçoar, diferenciar e expandir essas funções já colocadas em prática na ação. (2003, p. 94)

Todas as vontades que surgem nas crianças são regidas pelo modo de vida no qual estão inseridas e estão sujeitas a transformações que o meio social pode ocasionar. A relação entre o desenvolvimento no âmbito psíquico e essas transformações são primordiais para que se desenvolvam sentimentos e vontades, uma vez que “a criança ao querer, realiza seus desejos. Ao pensar, ela age. As ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa” (VIGOTSKY, 1991, p. 119).

O ambiente em que a criança está inserida, que podemos classificar como o mundo dos adultos, é que vai propiciar cada vez mais novas experiências que resultarão na formação mental. Justamente por ser esse meio o responsável por um processo tão importante, é necessário que ele provoque na criança interesse e curiosidade pelo novo, como afirma Wallon:

O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. Ele é feito de tudo o que favorece os procedimentos de que a criança dispõe para obter a satisfação de suas necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto dos estímulos sobre os quais se exerce e se regula sua atividade. Cada etapa é a um só tempo, um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (2007, p. 29)

Ao se pensar nos processos mentais da criança, não devemos considerá-los independentes das experiências que o meio lhes impõe, pois funcionam de maneira conjunta, são considerados como indissociáveis. Dessa forma, compreendemos que “não existe reação mental que seja independente, se não sempre no presente ao menos em termos de seus recursos e de seu conteúdo, das circunstâncias exteriores, de uma situação, do meio” (WALLON, 2007, p. 34).

Tendo situado o meio social e o desenvolvimento da criança, iremos tratar a seguir sobre a afetividade no cotidiano do indivíduo, buscando mostrar a forma como ela se faz presente durante todo o seu desenvolvimento.

2.2.A afetividade e suas formas de se expressar no mundo

Em todos os aspectos da vida social de um indivíduo, é possível identificar a presença de afetividade, pois a mesma se trata da capacidade que o ser humano tem de ser afetado tanto nos aspectos internos quanto externos, expressando emoções, sentimentos e paixões.

Em outras palavras, Almeida descreve a afetividade como:

Termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as mais diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões. (2008, p. 346)

Os fatores que vão influenciar nas escolhas do indivíduo não necessariamente precisam ser agradáveis, os desagradáveis também são peças-chaves para o desenvolvimento da personalidade do sujeito. De acordo com Galvão (2003), é com o tempo que a afetividade vai conquistando uma independência relativa, e adquirir a capacidade da fala é um dos processos necessários para que a mesma possa ser abstrata e representada por palavras.

Dessa forma, todos os aspectos ligados aos estados de ânimo ou humor vão fazer parte da afetividade, os sentimentos, as emoções, as interações que o indivíduo tem com os outros, que acaba refletindo na capacidade de vivenciar emoções variadas.

De acordo com Oliveira e Rego, esses aspectos presentes na formação do indivíduo são:

[...] organizadas, concebidas e nomeadas de forma absolutamente diversa em diferentes grupos culturais. Nesse plano da sociogênese a linguagem ocupa papel de destaque como instrumento para constituição do campo da afetividade. Dispor de palavras para dar nome às emoções nos permite identificá-las, compreendê-las, controlá-las, compartilhá-las com os outros. (2003, p. 28)

Com base na influência que o meio tem no desenvolvimento do indivíduo, na maneira como aprende a pensar, a falar e agir, essa cultura e convívio o ensinam também a sentir. Esse processo, segundo Silva, Cruz e Silva (2014) vai ser prolongado, permitindo ao sujeito o aprendizado sobre suas emoções e o afeto que se inicia a partir do nascimento e que fará parte de toda a sua existência.

Como parte inerente da afetividade temos as emoções, entendidas como sistemas de atitudes que surgem quando algo fora do comum acontece, suscitando um modo de agir arrebatador, conforme descreve Wallon:

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, ensejam assim mudanças que tendem a reduzi-las. Sobre elas repousam arrebatamentos gregários que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis aguçam seus meios de expressão, fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (2007, p.124)

A vida psíquica do indivíduo se torna visível no início de sua evolução, que para acontecer acaba passando necessariamente pelo aspecto afetivo. Por meio das relações que a criança estabelece com as pessoas que estão próximas, ocorre um desenvolvimento satisfatório ou insatisfatório, a depender de reações positivas ou negativas de quem a tem sob seus cuidados, a exemplo da mãe, o pai, a babá ou um irmão mais velho.

As primeiras formas de contato que o sujeito tem o com ambiente ao seu redor são de categoria afetivas, ou seja, são momentos dotados de emoções e sentimentos. Em outras palavras, podemos considerar a afetividade como “a capacidade humana de sentir e de expressar as emoções e sentimentos e, conseqüentemente, de interesses em relação à vida” (SILVA; CRUZ; SILVA, 2014, p. 1304).

As emoções surgem “de um traço que lhes é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Esse traço estaria na base das interações mãe/bebê” (GALVÃO, 2003, p. 78).

Assim, as emoções têm a capacidade de afetar as partes envolvidas em determinada situação, ganhando força a partir do efeito que ela provoca no outro, ou seja, as reações que surgem durante o acontecimento são uma espécie de combustível que vai fazer com que se manifestem, pois como corrobora Galvão:

O poder subjetivador da emoção, isto é, o fato de, quando vivida com intensidade, se constituir numa espécie de tumulto orgânico que restringe a percepção do sujeito a suas disposições do momento, sobretudo as de natureza intero e proprioceptiva, pode representar um entrave à evocação ou combinação de representações, sobretudo quando estas dependem de uma percepção mais objetiva do real. (2003, p. 77)

Desta feita, a afetividade como “base e domínio do psiquismo e parte abrangente da atividade pessoal, é fundamental nas reações e condutas individuais” (SILVA; CRUZ; SILVA, 2014, p. 1304), constituindo dimensão fundamental para que o sujeito consiga se desenvolver de forma integral, capaz de exercer suas funções de maneira independente.

Outro aspecto importante é a capacidade que o indivíduo vai adquirindo de resolver conflitos internos e externos, mas para que isso ocorra, é necessário que ele consiga primeiramente identificar o que está sentindo, como afirma Sastre e Moreno:

É importante, em primeiro lugar, fazer com que meninas e meninos aprendam a distinguir as diferentes emoções e os diferentes estados de ânimo que experimentam e que sejam capazes de identificá-los e reconhecê-los em si mesmos e nas outras pessoas. Sentimentos como alegria, tristeza, medo, afeto, simpatia, raiva, etc. podem ser identificados desde muito cedo, podendo também ser reconhecidas as causas que os provocaram. (2003, p. 144)

Adquirir a capacidade de distinguir sentimentos vai facilitar ao indivíduo não só identificar e solucionar problemas interpessoais, como também vai influenciar diretamente nos aspectos cognitivos, a exemplo de resolução de problemas matemáticos. Dessa forma, podemos assumir, de acordo com Amorim (2003), que a afetividade,

independente da função na qual está atuando, vai ter um papel significativo nas decisões e resoluções de conflitos morais.

Os estados emocionais vão desempenhar um importante papel na tomada de decisões e no funcionamento dos pensamentos, afetando diretamente as capacidades cognitivas do indivíduo. Essa dimensão afetiva vai ter um papel essencial no desenvolvimento tanto psicológico como cognitivo. Segundo Silva, Cruz e Silva (2014), a afetividade é indispensável para um bom funcionamento da inteligência, mesmo que não afete a sua estrutura.

Quando o indivíduo se encontra em uma determinada situação onde é necessário a resolução de algum problema, percebe a dependência não só dos aspectos afetivos, como também cognitivos, sendo que um não terá papel mais importante que o outro; mas, ao contrário, complementam-se. Dessa forma, verificamos que “a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar. A afetividade exerce, pois, um papel organizativo no funcionamento psíquico” (ARANTES, 2003, p. 123).

A emoção tem a capacidade de atingir grandes efeitos em contextos onde o coletivo prevalece, e os resultados costumam ser imprevisíveis, podendo surpreender a quem está à frente da situação, como em uma sala de aula. Sobre os efeitos das emoções, Galvão assevera que:

Se, por um lado, a compreensão da dinâmica de desencadeamento das emoções pode ajudar a controlar seus efeitos sobre a dinâmica das interações sociais, por outro, não há conhecimento teórico capaz de eliminar as possíveis turbulências provocadas por elas, sendo preciso, pois, aprender a conviver com esse risco inerente às interações. (2003, p. 86)

Da mesma maneira que o plano cognitivo tem impacto no campo afetivo, a emoção tem importante papel na vida intelectual do indivíduo, existe então uma indissociabilidade desses dois aspectos, trazendo como exemplo o fato de que “é graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso à linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual” (GALVÃO, 2003, p. 76).

Trazendo essa discussão para o espaço escolar, conforme mencionado, as emoções vão refletir em todos os aspectos do indivíduo e, por conta da sua ligação com o campo cognitivo, boa parte das manifestações podem acontecer no ambiente escolar, sendo de extrema importância que o educador saiba lidar com a situação, visto que:

O conhecimento das funções, das características e da dinâmica das emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor situações comuns ao cotidiano escolar, tanto no sentido de conseguir um melhor envolvimento dos alunos e com eles, como no de evitar cair em circuitos perversos em que pode perder o controle da dinâmica do grupo e da sua própria atuação. (GALVÃO, 2003, p. 85)

Compreendemos, assim, que a partir do momento em que o sujeito já consegue ter domínio de suas capacidades mentais, ocorre o surgimento do pensamento e isso se deve às emoções, aos desejos, às motivações e inclinações que fazem parte do ser humano. Dessa maneira, o pensamento vai ter total interação com o aspecto afetivo do indivíduo, demonstrando o papel que a afetividade exerce no seu desenvolvimento.

No tópico seguinte, discorreremos sobre o papel da família no desenvolvimento do sujeito.

2.3. A família como instância educativa e suporte para a vida social

O primeiro grupo social que vai possibilitar que a criança possa se desenvolver é a família, e nesse meio ela pode encontrar os aspectos essenciais para uma vida saudável. O afeto, o carinho, os valores e os princípios que são os responsáveis por guiar as escolhas do sujeito estão presentes no seio familiar em que o sujeito está inserido.

Apesar da sociedade sempre buscar manter um conceito de família que representa uma estrutura única, podemos citar que existe uma pluralidade familiar imensa desde a época da colonização. Há famílias formadas apenas pela mãe ou pelo pai, há filhos que nascem fora do casamento, existe uniões esporádicas, há processos de adoção, dentre outros.

Segundo Sousa (2012), cada família vai ter sua própria identidade, e os participantes estarão sempre em busca de algo melhor para todos, com o objetivo de prover a subsistência de cada um. Dessa forma, percebemos o quanto a participação da família é importante na vida da criança, para que ela possa se sentir acolhida, amada e assim ser motivada o suficiente para conseguir se desenvolver, crescer, aprender.

Independente do que se fala hoje sobre um padrão correto para a família, essa ideia vem mudando muito nos últimos tempos, pois independente da maneira como o a estrutura familiar se organiza, esta continua a ser o primeiro ambiente de aprendizado para as crianças, um local onde se tem contato com as primeiras experiências educacionais e se estabelece os principais elos com o meio social mais amplo.

Ao se pensar a família como a primeira instância educacional, é necessário ter em mente que essa influência, segundo Vieira et al. (20--?), vai atingir também os modelos de comportamento da criança, além de seu desenvolvimento moral. Dessa forma, a família deve buscar o equilíbrio entre afeto e limite, pois o “comportamento e postura dos pais quanto ao afeto e limite trazem consequências muito importantes na educação e formação do caráter dos filhos”. (SOUSA, 2012, p. 9)

Assim, o espaço familiar é onde a criança inicia sua formação psíquica, moral, social e espiritual. Todas as situações vivenciadas devem trazer o mínimo possível de prejuízos para o sujeito que está se desenvolvendo, conforme afirma Sousa:

A comunicação entre pais e filhos, o diálogo, as vivências de atitude, de amor e respeito, os valores, as regras sociais são de suma importância para a formação da personalidade, do caráter, como também na aprendizagem, condição para o crescimento pessoal e profissional. (2012, p. 5)

Para o desenvolvimento das habilidades sociais de um indivíduo se deve pensar no estilo de vida que a criança tem no meio familiar. Os padrões de punição, o sistema de crenças, os valores, a forma como estão estruturadas e o modo como são tratadas são elementos que tem impactos importantes na forma como a criança vai se comportar.

Nesse sentido, a família tem papel fundamental quando se trata de afetividade na vida da criança, dessa forma, “os problemas familiares, quando não bem administrados

diante dos filhos, podem ter efeitos nocivos para o equilíbrio afetivo da criança” (ALMEIDA, 2008, p. 354).

A falta de afeto por parte da família acaba por abalar o desenvolvimento social, sentimental e emocional da criança e isso pode acontecer quando a mesma fica exposta a um ambiente de cobrança por parte dos responsáveis, como ressalta Sousa:

Pais áspers cobram com agressividade comportamentos que fogem da sua expectativa, mostram baixa manifestação de afeto, são incapazes de reconhecimento e elogio. Seus filhos acabam por apresentar baixa estima, sentem-se culpados, buscam esconder o medo dos desafios, ora mostrando conduta obediente e passiva, ora rebelando-se e mostrando explosões emocionais sem motivo aparente. (2012, p. 8)

O afeto vai desempenhar um papel imprescindível no desenvolvimento da criança, incluindo o funcionamento da inteligência, pois sem afetividade, não existe a motivação nem interesse pelo novo. Quanto mais agressiva ou restritiva for a família, mas a criança vai demonstrar “um comportamento de isolamento social, de dependência e habilidade reduzida para solucionar problemas” (VIEIRA et al., 20--? s.p).

Apesar de grande parte da sociedade achar que a primeira agência educacional de um sujeito é a escola, não está correto. A família é de fato o primeiro ambiente educacional com o qual a criança convive. É no meio familiar que ela vai aprender a se relacionar com o mundo e se enxergar como parte da sociedade.

Por vivenciar a maior parte do seu dia no ambiente familiar, isso acaba sendo um dos principais fatores responsáveis por influenciar o processo de aprendizagem, além do fato de ser o primeiro meio com o qual ela vai interagir. Então, o que a criança adquire em relação a capacidade de se relacionar com o outro, o que ela “consegue fazer com a ajuda dos outros poderia ser, de alguma maneira, muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que o que consegue fazer sozinha” (VIGOTSKY, 2007, p. 96).

Quando o indivíduo faz parte de uma família desestruturada, pode assumir uma posição defensiva, distante, pouco afetiva com os que fazem parte do seu meio. Isso pode gerar consequências no seu desenvolvimento, tendo em vista que um “distúrbio de crescimento, por sua vez, não só torna a evolução mais lenta, como também pode deter seu curso em certo nível” (WALLON, 2007, p. 24).

Nesse contexto, é de responsabilidade da família que as crianças tenham um desenvolvimento de qualidade, incluindo o fator aprendido. Batista et al. (2016) corroboram que o meio familiar pode ser visto como um campo de educação primária, pois é o espaço em que a criança vai adquirir os primeiros aprendizados, como os comportamentos que são vistos como adequados pela cultura da qual ela faz parte.

Para que a criança possa ter um desenvolvimento integral se faz necessário que a família compreenda a importância de estabelecer uma boa relação com a sua educação no âmbito pessoal e também escolar. Se o indivíduo não recebe o apoio necessário no ambiente familiar, possivelmente terá mais dificuldade para desenvolver de maneira completa suas capacidades, justamente por não ter tido o auxílio daquelas que são suas referências mais próximas e mais conhecidas.

É a família que vai fazer com que a criança se sinta capaz de enfrentar seus medos, buscar sua independência, e quando ela não tem acesso a isso pode se sentir incapaz; muito do que poderia ser alcançado por ela pode não acontecer, desencadeando problemas relacionados à baixa autoestima, falta de autonomia, dependência sócio emocional e cognitiva, uma vez que tais dimensões se articulam, interagem entre si e, equilibrando-se, concorrem para o desenvolvimento e crescimento individual e social. Por isso, é importante que a família estabeleça uma relação próxima com a escola, para que o desenvolvimento mental, social, psicomotor e afetivo do ser humano seja um objetivo a ser atingido concomitantemente, concorrendo para sua evolução contínua.

Uma educação de qualidade quando é feita em conjunto, só vai trazer benefícios à criança, de acordo com o que Sousa menciona:

Se a criança recebe uma boa educação obviamente será bem-sucedida e vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando adulto, nesse contexto a família é a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter do cidadão. (2012, p. 11)

Apesar de família e escola serem consideradas meios educacionais distintos, como já dito, essas instituições devem trabalhar juntas em favor de um só objetivo: fazer com que a criança se desenvolva de forma saudável e se torne capaz e independente. Essas duas agências socializadoras possuem “aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos

objetivos que têm nas tarefas de ensinar” (BATISTA et al., 2016, s. p.) e por isso, devem saber muito bem como trabalhar juntas em busca de um bem maior, a construção do saber da criança.

Não obstante a importância da família no desenvolvimento da criança, ela não é o único eixo responsável pela construção do cidadão, conforme contesta Galvão:

Ora, com base na reflexão anterior, temos que a família não é a única responsável pela dimensão afetiva do aluno e, juntando a essa ideia a de que inteligência e afetividade se constroem reciprocamente, numa complexa relação de interdependência, podemos romper com essa explicação linear. (2003, p. 83)

A escola é outra instância da vida social de suma importância na formação da criança, ambiente em que ela toma contato por muitos anos ao longo de seu crescimento, desenvolvendo ali relações sociais que podem favorecer decisivamente na sua constituição individual e social.

Trataremos no tópico seguinte sobre o desenvolvimento sócio cognitivo???? do indivíduo e suas relações com a afetividade, permitindo compreender a melhor forma de trabalhar o seu processo educacional de forma integral.

2.4. Dimensão socio cognitiva e afetividade: em busca do desenvolvimento integral

Para Arantes (2003) devemos pensar nos valores sociais que se originam a partir das interações afetivas entre as pessoas, pois o surgimento da moralidade humana¹ é mais do que apenas princípios e os aspectos cognitivos. Podemos perceber então que “as ações e os pensamentos cotidianos, presentes, por exemplo, na resolução de conflitos morais, são permeados por um tipo de funcionamento em que a cognição e a afetividade são indissociadas.” (Idem, p. 117).

¹ Segundo Piaget (1992), a moral consiste em um determinado sistema de regras e condutas e a essência de toda moralidade é encontrada no respeito que o indivíduo demonstra por estas regras.

Uma das razões para que afeto e cognição sejam considerados interligados, é por serem concebidos no âmbito cultural em que vive o indivíduo, pois é onde vai ser estabelecido se determinada situação é de cunho afetivo ou apenas cognitivo, em que, de acordo com Leme (2003, p. 106):

[...] situações sociais são desencadeadas, de que forma devem ser manifestados, etc. como vimos, todo estado mental denominado afetivo envolve, além da experiência subjetiva da emoção ou do sentimento, conhecimento complexo, elaborado, e subordinado de certa forma às crenças e aos valores da cultura em que é experienciado. Por sua vez, a cognição também não é desprovida de afeto, tendo em vista que é desenvolvida na cultura, que valoriza diferentemente os diversos tipos de conhecimento.

A cultura, portanto, vai ser um dos fatores responsáveis pelo bom funcionamento não só do aspecto afetivo, como também cognitivo, ou seja, quando algum deles passa por um desequilíbrio, ou até mesmo os dois ao mesmo tempo, podemos ter problemas na aprendizagem do indivíduo. Esse desequilíbrio pode ser causado por diversas situações na vida da criança, como afirmam Silva, Cruz e Silva (2014):

Esses problemas podem ainda ser resultantes de relações familiares disfuncionais (tais como abuso físico, psicológico ou sexual, ou pais alcoólatras e agressivos), e da falta de interação adequada e afetividade com o professor, o que pode levar a desmotivação, tristeza e incapacidade de se concentrar nas disciplinas, principalmente nas que são mais complexas. (p. 1306)

É no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, segundo Almeida (2008), que acontece a oscilação entre o aspecto afetivo e o cognitivo, fazendo com que sejam interdependentes, e assim interfiram um no funcionamento do outro.

O processo de aquisição da linguagem vai resultar da interação do indivíduo com o meio social e de sua adequação e convivência. Nessa perspectiva, vemos que o papel da linguagem é fazer com que a atividade intelectual do sujeito avance de maneira significativa, permitindo que possa se comunicar e expressar seus interesses e sentimentos.

Quando se fala, portanto, sobre o funcionamento das dimensões cognitiva e afetiva, quem “separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar

a influência inversa do pensamento no plano afetivo. A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral” (SILVA; CRUZ; SILVA, 2014, p .1305).

No momento em que essa separação acontece, faz com que o desenvolvimento do sujeito seja deixado de lado, e assim, podem surgir determinadas situações negativas causadas pelo descaso; o principal deles, pode ser o fracasso em seu desempenho escolar. Tal fracasso, já teve como responsável vários culpados, inclusive, o próprio sujeito. Porém, hoje se sabe que a “aprendizagem não se dá no vazio, e sim em contextos tanto situacionais quanto interpessoais. Não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança como ponto de referência: o "contexto" em que a criança se encontra precisa ser considerado” (SOUSA, 2012, p. 5)

Nesse sentido, destaca-se o papel da escola na educação do indivíduo, que antes poderia ser vista apenas com a função de desenvolver sua sócio cognição, compartilhando os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, visando preparar os sujeitos para a conquista de um futuro trabalho. Mas, segundo Sousa (2012), a instituição escolar adquiriu também a necessidade de lidar com os valores fundamentais que o sujeito deve preservar ao longo da vida, embora seja um papel a ser assumido também pela família.

Por conta dessa divisão de papéis sob a responsabilidade da escola e da família, ao mesmo tempo que cabe às duas instituições promover a educação integral das crianças, algumas confusões têm surgido, haja visto que atribuições do meio familiar vêm sendo definidas como dever da escola. Apesar de que o ambiente escolar não deve se eximir de trabalhar valores e princípios morais com as crianças, cabe primeiramente à família ensinar tais valores, para que o indivíduo viva de acordo com as regras sociais, devendo se engajar para transforma-las dentro do contexto de lutas coletivas por igualdade e justiça social. Assim, compete à família e à escola, numa ação conjunta, promover a inserção do indivíduo no meio social, alicerçado em valores morais e éticos voltados à conquista do bem comum.

Desta feita, é importante que exista entre as duas partes uma “troca educacional em perfeita simetria, ou seja, família e escola trabalhando juntas, [...] faz-se necessário o acompanhamento dos familiares no seio escolar” (BATISTA *et al.*, 2016, p. 5). É preciso ter consciência sobre essa necessidade, pois não é na escola que o

aprendizado se inicia e sim no meio familiar, por mais que a instituição escolar não deva negligenciar sua participação efetiva na formação do cidadão crítico e atuante social e politicamente.

Apesar de se atribuir mais do que consegue suportar, a função da escola atualmente, em relação ao aprendizado de seus alunos, é trabalhar buscando uma interação com a família, para que as duas partes compreendam e assumam suas responsabilidades no processo de crescimento, evolução e amadurecimento da criança, como bem corrobora Sousa (2012, p. 14):

Uma das funções da escola é buscar uma aproximação com as famílias de seus alunos, pois enquanto instituição pode promover atividades como: interação e apoio com diversos profissionais como psicólogos, fazer visitas aos familiares, reuniões de pais e mestre com maior frequência, bem como a realização de trabalhos técnicos com a participação dos familiares para que estes possam conhecer os conteúdos que seus filhos estão desenvolvendo nas diversas atividades curriculares, proporcionando ligação entre escola-família-professores.

Quando partimos então da ideia de que existe uma efetiva integração entre a família, escola e comunidade, os alunos poderão ver o real sentido do que é vivenciado em sala de aula, e qual a necessidade de estar ali. Além disso, deve-se sempre ter em mente, segundo Galvão (1995), que a principal função da educação é promover a formação do indivíduo nos aspectos afetivos, cognitivos, socioemocionais e psicomotores, abrangendo, simultaneamente, seu ser individual e social.

Sendo assim, quando colocamos a culpa da dificuldade apresentada pela criança apenas na família estamos também tirando a responsabilidade do meio escolar, o que se configura num equívoco, pois a presença e a atuação escolar gera “a possibilidade de lidar com o problema, pois sua solução dependeria sempre da ação de um elemento externo que, na maioria dos casos, a escola acaba preferindo eliminar” (GALVÃO, 2003, p. 82).

Entretanto, a escola não deve apenas optar pelo controle sobre o processo, mas sim refletir sobre tudo o que está acontecendo, se as escolhas que estão sendo feitas permitem que a expressão, por parte da criança, seja o objetivo e não um comportamento indesejado que acabará sendo contido. Para que alcance o objetivo de fazer o indivíduo

se desenvolver de maneira integral, é preciso ter a noção de que o desenvolvimento intelectual da criança vai depender da maneira como funciona seu pensamento.

Passamos então a compreender que a atividade mental do indivíduo vai se desenvolvendo aos poucos, de acordo com as oportunidades que lhe são oferecidas pelo meio social, já que ela “não se desenvolve num único e mesmo plano por uma espécie de crescimento contínuo. Evolui de sistema em sistema.” (WALLON, 2007, p. 21). Consideramos, desse modo, uma relação estabelecida entre o desenvolvimento do indivíduo e sua aprendizagem, onde o primeiro não dependerá do segundo para seguir seu curso, sua direção; porém, no sentido contrário, sem o desenvolvimento, a aprendizagem não se mantém.

Mas, apesar de ser necessário o acompanhamento ao avanço do desenvolvimento infantil, muitas pessoas acreditam que o aprendizado se faz presente no dia a dia da criança apenas na escola, sendo que ele se inicia bem antes disso. Ele tem a função de produzir e trabalhar na criança algo novo em seu desenvolvimento, ou seja, “o aprendizado é mais do que a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (VIGOTSKY, 2007, p. 92).

Ainda que o aprendizado funcione como guia, com uma ordem lógica e natural, ele seguirá um sistema único, onde o que vale são suas próprias leis de desenvolvimento. Portanto, “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VIGOTSKY, 2007, p. 103).

Retornando ao cenário educacional, vimos então a necessidade aparente de ir sempre em busca da integração entre a aprendizagem e a felicidade do indivíduo, para que assim, consigam atingir o ideal de desenvolvimento. Para isso, é preciso que a “educação se reestruture de forma que não priorize apenas o desenvolvimento da dimensão cognitiva e lógico-matemática de seus alunos e suas alunas” (ARAÚJO, 2003, p. 157). O autor ainda completa que:

A formação da cidadania, visando a que alunos e alunas desenvolvam competências para lidar de maneira consciente, crítica, democrática e autônoma com a diversidade e o conflito de ideias, com as influências da cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações que estabelecem consigo mesmos e com o mundo à sua volta. Afinal, estamos

falando de uma educação em valores em que as dimensões cognitivas, afetiva, biológica e sociocultural das relações humanas, são considerados no planejamento curricular e nos projetos político-pedagógicos das escolas. (p. 158)

O papel da escola, no que concerne à educação integral do indivíduo, pressupõe considerar e integrar “em seu cotidiano o papel dos afetos, dos sentimentos, das emoções e dos valores, e precisa reorganizar seus conteúdos e os espaços, os tempos e as relações interpessoais” (ARAÚJO, 2003, p. 163).

Vimos até aqui que o indivíduo vai passando por todo esse processo envolvendo cognição e afeto, relação escola-família, desenvolvimento e aprendizado sem separação, mas sim, antes de tudo, uma interação, uma relação inseparável. Nesse contexto, vai construindo sua inteligência, seus valores, seus sentimentos através de todas as vivências, com sua cultura, por meio da realidade do cotidiano no qual está inserido.

No capítulo seguinte, discorreremos sobre o percurso metodológico do estudo, sobre o tipo de pesquisa, sujeitos, local, dentre outros componentes primordiais.

3. METODOLOGIA

Nesse capítulo será apresentado o caminho metodológico da investigação, em que identificamos o tipo de pesquisa utilizada, descrevemos o local de inserção para coleta de dados, os participantes e os instrumentos adotados para a composição dos elementos a serem analisados.

3.1. Tipo de pesquisa

Primeiramente, trazemos à tona a questão da necessidade de se fazer uma pesquisa, não só no período em que estamos vivendo, mas durante toda a evolução da humanidade, que segundo Gil (2002), a pesquisa se torna essencial quando não dispomos de informações suficientes para solucionar determinado questionamento.

Nesse sentido, o tipo de pesquisa que mais se adequa é a qualitativa, que usa instrumentos como entrevistas, observações, entre outros, e que a partir dos dados coletados é realizada uma interpretação, partindo da cultura ou ideologia na qual a pesquisa está inserida.

Por ser necessário trabalhar com diversos significados que se aprofundam nas relações humanas, não se torna possível encontrar respostas nos métodos estatísticos. Significa que trabalhar com dados que não são mensuráveis, como os sentimentos e as emoções, exige uma observação mais complexa e detalhista. Dessa forma, muitas informações “sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 120).

Buscando investigar o papel da afetividade na aprendizagem das crianças que não têm vivência no meio familiar, e sim numa instituição de acolhimento, propomos a pesquisa de cunho qualitativo, seguindo cinco características essenciais, que são:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como seu instrumento principal.
2. Os dados são predominantemente descritivos.

3. A preocupação com o processo é muito maior que com o produto.
4. O “significado” que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir o processo indutivo. (BODGAN; BIKLEN *apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11)

A primeira característica abordada pelos autores coloca em questão a necessidade que existe de o investigador estar de forma prolongada e direta, inserido no ambiente em que a situação problema que está sendo investigada acontece. É essencial que a observação seja feita nesse meio natural, pois acaba influenciando diretamente os fenômenos, fazendo com que circunstâncias particulares que surgem no dia a dia se tornem primordiais para a compreensão do investigador.

A característica seguinte fala sobre como o material recolhido na pesquisa tem extrema importância, fazendo não somente parte das descrições, como também transcrições e registros de diversos momentos da coleta dos dados. Todas as informações coletadas são relevantes e por isso o pesquisador deve estar atento a qualquer detalhe, que por mais que aparente pouca importância, poderá ser bastante útil na hora da análise.

Como terceira característica, o investigador é colocado em um papel de interesse, não só pelo resultado, mas de todo o processo e de como a situação problema se manifesta no cotidiano dos envolvidos na pesquisa. Logo após, a quarta característica traz o ponto de vista dos participantes como peça chave para encarar as questões que estão em foco, mas ao mesmo tempo, o investigador deve tomar cuidado com as afirmações feitas pelos participantes e checá-las antes de colocar em sua pesquisa.

Como quinta e última característica, se recomenda que o pesquisador não deve estabelecer questionamentos fixos, pois a medida que a pesquisa se desenvolve, o campo de estudo que antes era amplo, vai se tornando cada vez mais específico, e por essa razão não devemos nos prender apenas aos problemas definidos no início da pesquisa.

Podemos complementar o conceito de pesquisa qualitativa, caracterizando-a também como exploratória, que segundo Gil (2002), tem a função de aproximar o leitor do problema do qual estamos tratando para que se torne possível a construção de hipóteses, além de possibilitar um planejamento de pesquisa bastante flexível. Permite trabalhar não só com levantamento bibliográfico, como também com sujeitos que

vivenciam tais situações, para que sejam analisadas e trabalhadas de maneira mais compreensível.

Para análise do problema proposto nessa pesquisa, optamos por trabalhar com o estudo de caso que segundo Trivinõs (1987), é uma área da pesquisa onde o objeto é uma unidade que buscamos analisar de maneira detalhada. Ainda segundo o autor, essa definição vai fazer com que as características sejam trabalhadas através de duas circunstâncias, o meio da unidade, que se refere ao sujeito e as suas condições de vida e também pela orientação que os suportes teóricos oferecem ao investigador.

De acordo com Gil (2002), o trabalho em campo vai permitir que a análise feita através do aprofundamento das questões levantadas seja bem mais eficaz do que apenas o estudo do material bibliográfico. A escolha do estudo de caso se deu pela relevância que ele pode ter na pesquisa, auxiliando na criação de hipóteses e orientando a investigação para que por meio do material recolhido, possamos ter mais qualidade ao invés de trabalhar apenas com as características já determinadas acerca da população.

3.2. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa foram: uma criança que está cursando o 1º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública da Prefeitura de Fortaleza; a socio educadora que apresenta maior proximidade com a criança e a sua professora na escola de ensino regular.

A criança, chamada de Ananda, é uma menina de 8 anos de idade, que tem como características da personalidade um humor instável, que varia de acordo com a situação a que ela for exposta. Ela chegou ao abrigo com 4 anos de idade, após ter sido abandonada junto com o seu irmão, que tem um ano a menos que ela, na cidade de Fortaleza. Foram acolhidos pelo estado, que fez contato com a família, e esta declarou não querer mais envolvimento e aproximação com as crianças.

Ela e seu irmão, que hoje tem 6 anos de idade, foram encontrados em uma praça em um bairro de Fortaleza, vivendo na rua, pois haviam sido abandonados por sua família. Ao chegarem na instituição de acolhimento, tiveram uma adaptação bem complicada, pois enquanto Ananda ficou bastante sensível, chorando muito, seu irmão

acreditava ainda estar morando na rua e mesmo com as refeições do abrigo, ele ainda buscava comida no lixo.

Ananda possui histórico de agressão e abuso sexual, isso justifica de algum modo sua instabilidade e fragilidade em situações onde é confrontada, ou quando apontam seus erros. Desde sua chegada na instituição, estabeleceu uma relação de proximidade muito grande com a socio educadora, que também participou da pesquisa, chegando a chamá-la de mãe. Apesar de tudo que já passou de sofrimento na vida, trata-se de uma criança espontânea e que está sempre buscando ajudar a todos na instituição.

Seu irmão, apesar da evolução no comportamento, ainda demonstra uma grande necessidade por comida, mesmo tendo acabado de se alimentar, ele sempre busca outras formas de arranjar mais. Ao contrário de Ananda, não demonstra interesse pelos estudos; apesar de ir à escola, dificilmente fica em sala de aula. E quanto ao aspecto comportamental, tem grandes dificuldades de concentração em qualquer tipo de atividade, seja escolar ou de lazer. Carrega junto com a irmã, as marcas do abandono, reveladas não somente em suas peles, mas também em seus comportamentos e atitudes.

A socio educadora chamada de Janaína, tem 34 anos de idade, solteira e mãe de 4 filhos, começou a cursar Serviço Social, mas não chegou a concluir. Trabalha como sócio educadora há 15 anos realizando 16 plantões de 12 horas para que possa fechar sua carga horária mensal. Em relação à formação continuada, informou que o governo não possui nenhum programa que trabalhe com os funcionários de instituições de acolhimento, já passaram por algumas formações, mas que foram oferecidas por uma ONG. Sobre a forma correta de lidar com as crianças, segundo a mesma, não recebem orientações formalmente, então eles tentam lidar com as crianças fazendo o papel de pais, visto que eles precisam.

A professora da turma de 1º ano na escola chamamos de Vera, tem 46 anos, é solteira e tem um filho, começou a trabalhar como professora no ano de 1996, completando 23 anos de profissão, cumprindo carga horária de 200 horas mensal. É formada em Pedagogia, com especialização em Educação Especial, e, segundo a mesma, as professoras da escola têm acesso à formação do Programa Alfabetização Continuada na Idade Certa (PAIC), ofertada pelo Governo do Estado do Ceará, em parceria com a Prefeitura de Fortaleza.

3.3. Locais da pesquisa

Realizamos a pesquisa de campo em dois ambientes educacionais: o primeiro numa instituição² pública estadual do Ceará, que abriga crianças de 0 a 7 anos em situação de vulnerabilidade social, localizada a sudoeste de Fortaleza, na regional IV. A escolha da instituição seguiu os seguintes critérios: (1) ser uma instituição que abriga crianças; (2) que na instituição tenha crianças com idade entre 2 a 7 anos; (3) que as crianças estejam frequentando o ensino regular; (4) que as crianças não estejam inseridas em um núcleo familiar.

O abrigo faz parte da Secretaria de Proteção Social, Justiça, Mulheres e Direitos Humanos (SPS), fundado em 1975, onde funcionava em regime de semi-internato, dando oportunidade para que as mães pudessem ingressar no mercado de trabalho. Foi reformado e reinaugurado em 1994, sendo regido pelos princípios e normas estabelecidos pelo ECA³, funcionando com atendimento às crianças em regime de acolhimento.

O abrigo acolhe 42 crianças com faixa etária de 0 a 7 anos e adolescentes e adultos com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, que se encontram em situação de risco social e pessoal, que foram abandonadas, negligenciadas ou tiveram seus direitos básicos violados e por isso tiveram que ser retiradas do convívio familiar.

A instituição proclama que sua missão é proteger e suprir as diversas necessidades dos acolhidos, como saúde, alimentação, educação, higiene, etc.; trabalha para que a criança possa retornar aos seus vínculos familiares e, em caso de impossibilidade de retorno à família, por meio da justiça, que decreta a destituição do poder familiar e inicia o acompanhamento do processo de adoção.

Quanto à estrutura, o espaço físico da instituição é composto por: quatro dormitórios climatizados, com banheiro e televisão, um refeitório para as crianças, que apesar de pequeno, comporta a todos no momento da refeição, uma sala específica para os residentes com deficiência, uma enfermaria, uma sala de serviço social, uma sala de psicologia, uma sala de pedagogia, um refeitório para os funcionários, dois banheiros

² Dados coletados a partir de documentos fornecidos pela própria instituição.

³ ECA, é a sigla do Estatuto da Criança e do Adolescente, um documento que abrange um conjunto de leis que garantem os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil.

femininos e dois masculinos, uma lavanderia, a secretaria e, por fim, a área de recreação para as crianças.

Em relação ao quadro de funcionários, a instituição mantém um total de 15 educadores, um psicólogo, duas assistentes sociais, duas pedagogas, uma diretora e uma coordenadora, dois funcionários responsáveis por serviços gerais, duas cozinheiras e duas ajudantes, duas funcionárias que cuidam do almoxarifado, uma funcionária responsável pela lavanderia e dois porteiros.

O segundo ambiente trata-se de uma escola da rede pública municipal de Fortaleza, situada no bairro Henrique Jorge, que atende crianças da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental (1^a ao 5^o ano), nos turnos diurno e vespertino, possui estrutura física com um estado de conservação não muito bom. Tem um amplo espaço com pátio e quadra para que as crianças possam brincar durante o intervalo, entretanto não é coberto, fazendo com que ao usarem os espaços fiquem expostas ao sol e calor.

A sala de aula em que Ananda estuda é pequena, mas acolhe bem todas as crianças, de maneira confortável. Apesar do tamanho, é arejada, dispõe de mobiliário em bom estado de conservação, tem em torno de 18 alunos, e dispõe de material para as atividades pedagógicas, a professora faz uso dos livros didáticos, de paradidáticos infantis, usados nos momentos de leitura e de materiais reservas, para caso a criança não disponha, como lápis, borracha, lápis de cor, etc.

A escola possui um espaço separado para as crianças do infantil, onde ficam as salas e um pequeno pátio para a hora do intervalo e lanche. As salas do andar de baixo são para as turmas do 1^o e 2^o ano, pois existe uma grande quantidade de alunos divididos entre as turmas A, B e C. Para as crianças do 3^o ao 5^o ano, é disponibilizado o segundo andar, com salas maiores para a grande quantidade por turma. Os banheiros se localizam no andar de baixo, sendo um feminino e um masculino, com várias cabines cada, além do refeitório, recepção, secretaria e por fim, sala dos professores.

Faz parte do quadro de funcionários, os professores, onde a grande maioria cumpre 200 horas mensais, trabalhando nos dois turnos, 3 funcionárias responsáveis pela recepção da escola, para o atendimento aos pais e responsáveis, um auxiliar de limpeza, duas cozinheiras, a coordenadora, uma auxiliar para a coordenação, uma psicopedagoga e a diretora.

3.4. Instrumentos para a construção dos dados

Para a coleta dos dados, como foi dito, decidimos trabalhar com o estudo de caso e, por meio dele, utilizamos duas técnicas que mais se adequavam ao tipo de pesquisa: a observação e a entrevista com roteiro semiestruturado.

A primeira técnica escolhida, a observação, consiste numa boa opção para se ter uma experiência direta com a situação que está sendo estudada. Além de aproximar o investigador de seu objeto de estudo, “é um procedimento fundamental na construção de hipóteses. O estabelecimento assistemático de relações entre os fatos no dia a dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas propostos pela ciência” (GIL, 2002, p. 35).

A observação parte de uma escolha feita pelo pesquisador, ou seja, uma intuição, um desejo ou uma hipótese por ele criada que vai ser controlada pela relação que vai se estabelecer entre o que está buscando estudar e os acontecimentos. Logo, o pesquisador na hora da observação em campo, vai ter um papel essencial, pois “realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.” (GIL, 2002, p. 53)

Ainda podemos completar dizendo que a observação feita é a não-participante, já que pretendemos ter o contato com a comunidade; mas, ao mesmo tempo, não temos a intenção de interferir nos acontecimentos e sim, de apenas ser um espectador. Apesar de o investigador se deixar de fora e não se deixar envolver com o que acontece, isso “não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada por um fim determinado.” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 193)

Apesar de muitos acreditarem, a observação não é simplesmente olhar determinada situação, se trata de destacar algo específico de um conjunto, dando atenção as complexidades de suas características, assim como Trivinõs afirma que:

Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc. (1987, p. 153)

É crucial que observador ao ir em campo, tenha precaução e se polície em relação a interpretação das situações vistas, pois não deve atribuir significados a ações das crianças como se fossem adultas. Mesmo que a criança aparente um comportamento fora do padrão de sua idade ou “por maior que seja sua aparente identidade, ele não deve lhes dar outro valor senão aquele que o comportamento atual do sujeito pode justificar.” (WALLON, 2007, p. 22)

Buscando compreender melhor o processo, realizamos quatro observações: duas na instituição de acolhimento onde a criança reside atualmente, e duas no período das manhãs na hora da realização das atividades escolares com a pedagoga na sala de atividades. Fizemos a escolha de observar as crianças nesses ambientes procurando compreender a maneira como se comportam, não apenas na realização das atividades; mas, também, no período em que passam na escola e como a mesma busca trabalhar as questões levantadas na pesquisa, relativas, dentre outras, à afetividade e ao desenvolvimento cognitivo da criança.

Assumimos que apenas dessa maneira conseguiríamos ser bem-sucedidos, pois como corrobora Galvão:

A observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente no qual está inserida. (1995, p. 36)

Como segunda técnica de registro de dados optamos pela entrevista semiestruturada, pois a mesma permite que o entrevistado fique mais à vontade, dando oportunidade ao pesquisador na hora em que estiver realizando as perguntas ir adaptando-as ao momento, da maneira como ele acha que vai ser melhor compreendida, podemos compreender melhor esse conceito através da afirmação de Trivinõs, que fala que:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (1987, p. 146)

A entrevista foi iniciada com as informações básicas sobre a vida pessoal e a formação profissional das participantes para serem usados nas suas identificações. A

entrevista com a sócio educadora foi feita na instituição de acolhimento onde a criança reside.

Para o registro da entrevista, optamos pela gravação, para que depois fosse possível transcrevê-la e usá-la na análise dos dados. Apesar de mais trabalhosa, a transcrição é a mais recomendável por manter a fidedignidade do material fornecido pelo informante. Para complementar as gravações, vez que elas não podem registrar as impressões dos entrevistados, fizemos também uso de registros fotográficos tanto dos momentos de observação, como da entrevista, pois segundo Neto, os registros visuais como:

Fotografias e filmagens se apresentam também como recursos de registro aos quais podemos recorrer. Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado. (2002, p. 63)

Com base nos instrumentos escolhidos e aplicados em campo, será apresentado, no próximo capítulo, os resultados das análises, intermediados pelos subsídios teóricos estudados.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

O capítulo apresenta os dados construídos a partir das informações coletadas no trabalho de campo, abrangendo as observações feitas com a Ananda na instituição de acolhimento e na escola, além das entrevistas feitas com a professora e a socio educadora que acompanham a criança e por fim, as interpretações pessoais sobre baseadas nos autores estudados.

Os dados foram separados em subtópicos para facilitar a compreensão acerca dos diversos momentos envolvendo a investigação realizada. O primeiro, abrange as observações feitas com a Ananda nos espaços do abrigo, em situações em que ela realizava as atividades escolares e nas brincadeiras com as outras crianças. Com isso, é possível compreender melhor como ela se comporta, como age em relação às outras crianças, como expressa seus afetos e sentimentos. O segundo subtópico situa as observações feitas na escola, para analisar a maneira como a professora e os colegas lidam com ela e vice-versa. O terceiro e último subtópico reúne dados da entrevista feita com a professora e com a socio educadora, que acompanham Ananda todos os dias, e, dessa maneira, forneceram informações importantes sobre o seu cotidiano.

4.1. A observação na instituição de acolhimento

No primeiro dia observando Ananda, uma das pedagogas foi chamá-la para a sala de atividades do setor pedagógico; ela se encontrava no refeitório, pois logo após o lanche as crianças vão fazer as atividades de casa. Ela não apresentou nenhuma resistência para fazer ir até a sala da pedagogia; mas, segundo a pedagoga, isso varia muito de um dia para o outro, uma vez que ela possui um humor instável e há dias em que ela não quer ir para a sala.

Ao chegar, demonstrou se sentir um pouco envergonha, pois mesmo nos vendo todos os dias, sempre que nos encontra novamente, ela precisa de um tempinho para se acostumar e se sentir mais aberta para conversar. Nesse determinado dia ela apresentou um pouco de resistência no momento de sentar, para que ela pudesse dar início ao exercício; e, como tem um número grande de crianças para fazer atividades, a

pedagoga a pediu para que ela pudesse se sentar logo e assim iniciar e finalizar logo a atividade.

Quando foi confrontada, se fechou completamente por um momento e, de acordo com a pedagoga da instituição de acolhimento, que fica responsável pelos assuntos escolares, quando isso acontece o ideal é que seja dado um tempo a ela para que possa ficar mais tranquila; aos poucos, ela volta a se aproximar mostrando interesse na atividade. Como ainda havia algumas crianças para fazer a tarefa, ela precisou fazer com outra menina que também reside no abrigo (Ver anexo 1). Esta criança possui dificuldade na locomoção e na fala, mas Ananda buscou ajudá-la sem dificuldade, da melhor maneira possível, entregando um lápis ou explicando o que ela precisava fazer.

A proposta de ajudar outra criança melhorou significativamente o seu humor, então ela buscou terminar logo a sua atividade (Ver anexo 2) para que pudesse ajudá-la. Depois arrumou suas coisas e as da colega e foi para o berçário, pois segundo a mesma, gosta de ajudar as socio educadoras, que costuma ficar sozinha durante o plantão, a cuidar e brincar com os bebês. Dessa forma, foi encerrado o primeiro dia de observações no abrigo, permitindo constatar que Ananda tem algumas dificuldades para lidar com seu humor e que dependendo da situação a qual for exposta, poderá causar grande desconforto, fazendo com que ela se coloque em uma posição de defesa, precisando de um tempo para que possa controlar suas atitudes e comportamento.

No início a Ananda demonstrou se sentir incomodada pela confrontação feita pela pedagoga, agindo dessa forma, segundo informou a própria sócio educadora, pela necessidade de que as coisas aconteçam da maneira como ela quer; e quando isso não acontece, faz com que se sinta insegura e se feche completamente. “A melhor maneira de lidar é dando um tempo para que ela se sinta mais confortável e perceba que o confronto não se trata de uma ameaça”, esclareceu a sócio educadora.

Apesar da nítida insegurança sobre si, pudemos concluir que seu desempenho nos estudos não é afetado de maneira intensa; pelo contrário, assim como na situação relatada, ao ver que sua colega necessitava de ajuda, isso se tornou uma motivação para que ela terminasse logo sua atividade e fosse ajudá-la. Apesar de todos os traumas vividos, Ananda não deixou de se mostrar como uma criança amorosa, que gosta de ajudar a quem precisa, o que influencia diretamente no seu comportamento e no seu interesse pelas atividades propostas.

No segundo dia de observação fiquei aguardando Ananda na sala de aula e, ao chegar pedi para fazer a atividade comigo. Sentou-se ao meu lado, perguntei como estava, se já havia lanchado e ela confirmou que sim. No início do encontro não quis conversar muito, mas à medida que o tempo foi passando e fui fazendo mais perguntas, ela foi se soltando mais e me contou como havia sido o seu final de semana, o que tinha feito e quem havia ficado com eles na instituição. Durante a conversa, seu relato continha um tom de animação, pois quando demonstramos interesse em suas histórias, a mesma assume uma postura bastante confiante e contente.

Quando questioneei sobre a atividade da escola, ela logo se adiantou e pegou o livro dizendo que sabia qual era a página, depois pegou seu estojo, tirou o lápis e começamos a ler juntas. Identificamos que a atividade se tratava sobre a família e a diversidade que dela faz parte; ao se deparar com esse assunto ela não apresentou nenhuma mudança de comportamento, seguiu normalmente com a conversa sobre o texto. Em nenhum momento teve iniciativa de falar sobre a sua família ou alguma memória acerca disso. Somente quando era instigada a resolver as questões ela respondia de forma sucinta, confirmando ou negando. Esse comportamento mudou quando teve que desenhar os integrantes da família. Ela assumiu uma postura de maior concentração, como se estivesse decidindo quem seria escolhido para fazer parte do desenho (Ver anexo 3).

Na atividade constavam perguntas sobre as tarefas diárias na sua casa e em todas ela respondia demonstrando bastante confiança, como se aquilo fizesse parte da sua rotina atual. Porém, como já mencionado no trabalho, faz alguns anos que ela chegou à instituição, então tudo o que foi dito por ela pode remeter somente às lembranças de sua família biológica, ou os acontecimentos no abrigo ou mesmo durante a sua breve experiência com a família que quase a adotou, (Ver anexo 4).

Após finalizarmos a atividade, ela se dirigiu para o pátio onde algumas crianças estavam recebendo visita de familiares, ficou com eles, passou um tempo jogando (Ver anexo 5) e depois brincando com a bebê (Ver anexo 6), com quem já tem certa proximidade e de quem está presente no berçário no seu tempo livre, ajudando a cuidar dela e de outras crianças. Depois de um certo tempo brincando, ela e os outros colegas foram chamados para tomar banho, almoçar e descansar até a hora de ir para a escola.

Foi possível constatar, dessas observações, que a Ananda sente falta da afetividade presente em um ambiente familiar, demonstrando isso nos momentos em que ocorre as visitas de familiares das outras crianças, buscando sempre ficar próxima e interagir com elas. A emoção presente nas crianças que estão participando da visita a contagia, fazendo-a lembrar não só da separação da sua família biológica, mas também dos processos de adoção que foram iniciados, entretanto, não foram bem-sucedidos.

4.2 Observações na Escola

No dia determinado para fazer a primeira observação na escola conversei com Ananda dizendo que precisava assistir uma aula do 1º ano e que iria observar a sala dela. Escolhi colocar dessa maneira para que ela não pensasse que eu estaria lá para observar a forma como se comporta e como age com a turma, e, conseqüentemente, mudasse suas atitudes, seu jeito de ser. Assim que soube que eu iria com ela, divulgou para todos os outros colegas que eu estaria na sala dela, e ficaram me perguntando o motivo e reforcei que era apenas um trabalho da Faculdade.

Ao chegarmos na instituição a aula já estava começando, haja visto que o carro da unidade havia se atrasado. A professora me apresentou para a turma e todos ficaram curiosas por eu estar ali, decidi então me sentar no fundo da sala para que chamasse o mínimo de atenção possível.

A professora deu início a aula trabalhando a história da Chapeuzinho vermelho, lendo o paradidático e conversando com a turma. Durante a aula, apesar das demais crianças interagir bastante com a professora, Ananda permaneceu a maior parte do tempo quieta e calada (Ver anexo 7), não respondia às perguntas dela como os outros colegas, também não interagia com eles; mas, ficou algumas vezes olhando para trás para ver o que eu estava fazendo ou se estava gostando e quando eu sorria, ela sorria de volta e se virava novamente para frente (Ver anexo 8). Assim que possível conversei rapidamente com a professora perguntando se aquele era o comportamento normal dela ou se estava diferente por conta da minha presença. Segundo a mesma, ela sempre se comporta daquela maneira, passando a aula toda quieta, com exceção de quando ela senta ao lado de determinada criança, que gosta de interagir com todos e sempre fica conversando com ela. Completou ainda que ela pouco interage na aula, é uma ótima aluna,

faz todas as atividades com atenção e a respeita muito, mas com esse contraponto de que ela não se socializa muito com o restante da turma.

Em momento oportuno questioneei à criança sobre a aula, se ela gostava de sua professora e a resposta dela foi positiva, dizendo gostar bastante da professora e de sua aula. Perguntei sobre suas amigadas em sala e ela disse ter apenas uma amiga em sua turma, que se trata da mesma criança que a professora havia apontado. Complementou afirmando que, além dela só tinha mais duas amigas, mas que são de outra turma e que só se viam na hora do intervalo para o lanche.

A professora então passou uma atividade do livro didático que era para ser feita em dupla, para que conhecessem melhor a vida do seu colega. Ananda ficou junta da aluna que estava ao seu lado. Durante a tarefa ela pouco conversou com a colega e aparentava não estar totalmente confortável com a situação. Apesar de terem realizado toda a atividade corretamente, assim que terminaram ela foi mostrar a atividade para a professora e a sua colega foi conversar com as outras crianças.

Quando se trata das atividades escolares, seja as de classe ou as de casa, ela sempre procura se concentrar, algumas vezes querendo até fazer sem ajuda, dizendo já saber fazer sozinha. Esse comportamento em sala de aula retratou isso, apesar de deixar claro com suas atitudes que gosta de conversar. Porém, decidiu se concentrar na atividade, para que fizesse corretamente e, depois de terminada e corrigida, pudesse ficar um tempo com sua amiga.

Nos momentos em que a professora passava uma atividade, eles terminavam e a mesma ficava tirando dúvidas individuais; muitos vieram ao meu encontro e fizeram perguntas sobre o que eu fazia, se eu estava assistindo a aula, o motivo de eu estar ali e durante todo esse tempo que ficaram conversando comigo a Ananda sempre esteve afastada, embora ficasse olhando o que estávamos fazendo. Até que em determinado momento uma das crianças chegou a me perguntar se eu era a tia do abrigo dela e se eu tinha ido para a aula para assistir uma aula com ela, que havia sido ela que tinha dito isso, então eu confirmei e Ananda sorriu ao perceber minha confirmação.

Esse comportamento é bastante presente quando algum funcionário do abrigo vai à escola resolver alguma questão, em que Ananda faz questão de mostrar que está chegando acompanhada de um adulto. Isso revela a falta que ela sente de sua família, por ver as outras crianças chegarem acompanhadas por seus pais ou responsáveis e ela não

ser assistida da mesma forma, deixando evidenciar a importância que dá ao papel familiar na sua vida.

Durante o intervalo ela lanchou normalmente e ficou conversando com suas outras colegas da escola, não me aproximei para que ela não se sentisse vigiada. Quando voltaram para a sala a professora seguiu com as atividades e assim como na primeira parte da aula, ela se comportou da mesma maneira. Enquanto fazia as atividades, diferente das outras crianças, em nenhum momento chamou a professora para tirar dúvidas e isso se seguiu até o fim da aula, onde as outras crianças vieram se despedir e perguntar se eu voltaria a assistir aula com eles. Enquanto conversava com eles Ananda ficava próximo ou ao meu lado, mas em nenhum momento entrou na conversa ou falou algo a respeito.

Apesar de não termos visto em nenhum momento qualquer situação que demonstrasse alguma inimizade com os outros colegas, Ananda sempre ficou tímida quando se tratava de se aproximar de alguma delas, como se estivesse envergonhada. Se trata do mesmo comportamento que ela assume na instituição de acolhimento, onde precisamos dar espaço para que ela se sinta confortável; infelizmente, as crianças de sua sala não demonstram compreender esse aspecto, deixando Ananda sozinha, possivelmente por acreditarem que ela não gosta muito de ficar com eles, mesmo que às vezes haja conversas paralelas.

No segundo dia de observação chegamos na escola e Ananda quis ir até a sala de mãos dadas comigo. Quando entramos as outras crianças me reconheceram e vieram conversar comigo. Uma das crianças, a que Ananda disse ser sua única amiga na sala, veio me cumprimentar, perguntou se eu a conhecia, e eu respondi que sim, que a conheci na outra vez em que havia assistido aula na turma. As duas sentaram juntas na última fileira, bem próximas a mim.

Só conseguimos presenciar essa relação de afetividade com sua amiga na segunda observação, pois ao sentarem juntas, Ananda se mostrou completamente diferente do outro dia em que estávamos observando. Demonstrou um aspecto mais tranquilo e contente por ter uma companhia durante a aula, ao contrário do primeiro dia, em que precisou fazer a atividade com uma colega a qual não era tão próxima, demonstrando estar bastante desconfortável.

A professora começou a aula entregando alguns trabalhos antigos e parabenizando quem tirou boas notas, quando chegou a vez de Ananda, ela chamou sua

atenção pois por conta da falta de atenção, ela havia tirado 7,5. Depois, ela trabalhou a fábula “A lebre e da tartaruga”, e, durante a leitura todos os alunos participaram, menos Ananda, que só ficou observando. Apesar de parecer concentrada na professora e na história, ela muitas vezes tinha um olhar perdido, como se estivesse triste (Ver anexo 9). Terminada a leitura sua amiga quis conversar, mas ela não deu muita atenção, somente quando a professora foi buscar os livros das atividades elas conversaram por um instante (Ver anexo 10).

A tarefa de classe foi sobre a leitura da fábula. E, quando a professora perguntou aos alunos como se escrevia a palavra lebre, que fazia parte do título, Ananda se prontificou a responder em voz alta e acertou, sendo parabenizada. Durante o tempo em que passei na aula, assim como na outra observação, Ananda me olhou algumas vezes, ora para ver o que eu estava fazendo, ora para confirmar se eu estava aprovando o seu comportamento. Eu apenas sorria, para que ela pudesse se sentir mais à vontade na aula.

A professora liberou os alunos para o intervalo, saímos para a área do refeitório e a Ananda havia levado como lanche um salgadinho; ela e sua amiga ficaram com outras meninas sentadas conversando. Quando estava perto de terminar, percebi que ela estava com um pacote de biscoito, perguntei onde havia conseguido e a resposta foi que tinha ganhado de sua amiga.

No retorno do intervalo a professora cedeu mais um tempo para que eles pudessem finalizar a atividade e enquanto os outros alunos ficaram chamando a sua atenção, Ananda e sua amiga ficaram fazendo juntas e conversando algumas vezes (Ver anexo 11). Em determinado momento, sua colega foi mostrar a atividade à professora para correção, e Ananda me contou que era sua prima. Perguntei como ela sabia disso, e a mesma respondeu que tinha descoberto pelo nome, e que a mãe dela era a irmã da sua mãe.

Continuou dizendo que a amiga levava para a escola os recados da sua mãe e que no seu aniversário enviaria um presente por ela. Foi nesse momento que a criança voltou para a carteira e Ananda disse-lhe que havia me contado sobre a história de sua mãe e o fato delas serem primas; a amiga reagiu colocando a mão em sua boca para que parasse de falar e as duas começaram a rir e não falaram mais sobre o assunto.

De acordo com as informações recolhidas na instituição de acolhimento, sua família não demonstrou nenhum interesse em ficar com Ananda e seu irmão, o que nos

faz pensar que essa história seja fruto da imaginação dela e sua amiga. Apesar da pouca idade, estabeleceram um forte laço de amizade, fazendo-as acreditar que são da mesma família e criarem essa história a partir das conversas sobre a vida de Ananda no abrigo e por uma possível coincidência entre os nomes.

Depois desse ocorrido a aula prosseguiu tranquila, e, com o tempo, a conversa entre Ananda e sua amiga aumentou bastante, chegando a desviar a atenção delas da atividade em sala (Ver anexo 12). Em alguns momentos elas se desentendiam, mas logo depois já se falavam normal. Quando a aula finalizou a professora se despediu da turma e nós duas seguimos para o carro da unidade para voltarmos ao abrigo.

Essas visitas à sala de aula de Ananda foram relevantes para conhecer melhor sobre como ela desenvolve sua afetividade junto aos colegas da escola e à professora, como se comporta diante do contexto em que se dá o processo de ensino e de aprendizagem. Pela maneira como ela interage com a turma pudemos compreender que a falta do convívio familiar faz com que ela se sinta insegura perto de seus colegas, atrapalhando o seu desenvolvimento social.

Averiguamos que seu comportamento no ambiente escolar é diferente da instituição de acolhimento. Isso acontece porque no abrigo, apesar de algumas crianças receberem visitas de suas famílias, todas estão na mesma situação de distanciamento familiar. Ao contrário da escola, onde boa parte aparece com suas famílias demonstrando afeto e preocupação, e como Ananda não vivencia isso, não se sente à vontade com as outras crianças, com exceção de sua colega, com a qual acredita ter uma relação de parentesco.

Assim, vimos que ora Ananda revela instabilidade, insegurança e desconforto nas relações que mantém com seus colegas no abrigo e na escola; ora expressa contentamento, emoções e sentimentos de amizade com alguns deles em ambos os ambientes, expressando claramente maior interesse e satisfação em aprender quando se sente acolhida e com os laços estreitos com pessoas que a cercam, podendo ser uma colega ou a professora da sua turma.

4.3 Entrevista com a socio educadora e com a professora

A entrevista com a socio educadora foi agendada no período das observações na instituição de acolhimento. Decidimos pelo horário de descanso após o almoço pois ela estaria mais livre e mais confortável para responder as perguntas. Quando chegou o dia, nos deslocamos para a área do refeitório infantil e expliquei como funcionaria a nossa conversa e perguntei se tinha permissão para gravar o áudio, tendo uma resposta afirmativa.

Começamos com uma breve apresentação sobre sua vida pessoal e profissional. Tem 34 anos, é solteira e tem 4 filhos; começou a cursar serviço social, mas não concluiu. Segundo ela, trabalha na instituição à cerca 15 anos como socio educadora, atuando em 15 plantões durante o mês, de 12 horas cada.

Quando indagada se ela acompanhou a chegada da Ananda no abrigo obtivemos a seguinte confirmação: “sim, ela chegou com o irmão mais novo”. E complementou falando sobre como se deu seu processo de adaptação: “ela chorava muito, né, sentindo falta dos pais, falava deles e chorava muito” (JANAÍNA, Entrevista realizada em 10/2019).

Sua fala revela, de um lado, o sofrimento de Ananda e seu irmão diante do abandono familiar. Seu estado emocional abalado, sentindo-se longe dos pais, lamentando a ausência deles, e sua única saída era chorar como forma de colocar pra fora suas emoções, seus sentimentos.

Após explicar à socio educadora que escolhemos Ananda para a pesquisa por conta da proximidade que ela demonstrava possuir com a criança, perguntamos que tipo de relação foi construída entre as duas, e a mesma respondeu:

Ela me chama de mãe, meus filhos ela chama de irmãos, quando tem festa ela sempre pede pra trazer e, as vezes, quando é final de semana, quando era a outra diretora, eu trazia a Duda, quando eu tava a noite e a Luciana também e as vezes eu trazia o Cadu, quando era assim dia de domingo pra passar o dia, porque era meu plantão né, aí eles ficavam tudo brincando. (Janaína, Entrevista realizada em 10/2019)

Esse relato serve para ratificar a relação materna que vem sendo construída entre a socio educadora, seus filhos e Ananda. Uma relação que vem transcendendo a vida profissional e criando laços pessoais, afetuosos, os quais devem ter contribuído

efetivamente para amenizar o sentimento de solidão e abandono da criança. Sobre isso, Dantas (1992) afirma que o indivíduo vai manifestar sua afetividade através do contato com o meio do qual faz parte; no caso de Ananda, o meio que ela encontrou para demonstrar seu afeto foi com Janaína e seus filhos.

Ao questionar sobre como ela se comporta hoje em relação à antiga família, se ela ainda pergunta pelos pais ou fala sobre isso, de acordo com a socio educadora, ela não questiona mais sobre sua família biológica, mas que já havia passado por processos de adoção que deram errado e completou dizendo “[...] a única vez que ela comentou foi nessa última adoção dela e ela pedia muito, as vezes ela ficava chorando, porque eu acho que ela sentiu né o baque e ela sempre dizia, tia eu nunca vou ter uma família por causa do João. Ela sabia disso” (Janaína, Entrevista realizada em 10/2019).

Além do abandono da família biológica, Ananda e seu irmão passaram por quatro processos de adoção que não foram bem-sucedidos, o que atrapalhou ainda mais quando se trata do seu aspecto afetivo. A cada processo novo que se inicia, mais dificuldades os pretendentes tem de conquistar a confiança de Ananda e seu irmão, sendo preciso serem apresentados apenas como padrinhos, para que depois de algumas visitas, eles saibam que estão passando por mais um processo.

A socio educadora esclareceu que esse último processo de adoção não deu certo pois a família não se adaptou com o irmão de Ananda e por isso acabaram desistindo dos dois. Ela continuou dizendo que, apesar de tentarem mascarar o motivo de não levarem eles, Ananda sentiu muito, pois já tinha ficado alguns dias na casa deles junto com seu irmão e isso tinha lhe dado esperanças de, finalmente, arranjar uma família. Sobre esse fato, complementou:

Ela ficava pedindo pra eu ligar pra ela, as vezes eu ligava, Quando foi depois que a gente soube que ela não queria mais, ela que me contou, “mãe tu nem sabe, a tia nem vai mais vir me visitar, é porque ela vai viajar”. Quando ela disse isso eu já sabia que ela não ia querer mais, aí ela ficava chorando, pedindo pra ligar, algumas vezes eu ainda liguei, mas quando eu soube mesmo a verdade, não liguei mais porque não adiantava, né? (Janaína, Entrevista realizada em 10/2019)

Situações como essas abalam qualquer pessoa, quanto mais uma criança, afrontando-lhe sua inocência, usurpando-lhe o direito de viver a infância sem o peso de

rejeição, isso diz bastante sobre a maneira como ela se comporta, as reações impulsivas diante de situações adversas, diante dos não que a vida lhe impõe. E ainda assim essa criança consegue expressar com facilidade sentimentos de empatia e de carinho pelas colegas, cultivando amor pelo irmão, afeto pelos que a cercam no abrigo e na escola, seus dois mundos na sua curta existência.

A pergunta seguinte foi sobre como ela se comporta no horário de ir para a sala da pedagogia fazer as atividades escolares. Consoante a socio educadora disse que as vezes “dá trabalho, dependendo do humor dela, porque ela muda muito. [...] A Ananda muitas vezes não se sente bem com as outras crianças por ser mais velha e não se encaixar mais nas brincadeiras” (Janaína, Entrevista realizada em 10/2019).

As oscilações de humor da criança podem ocorrer em virtude das inseguranças ocasionadas pelas experiências frustrantes pelas quais tem passado na vida. Mas, é importante considerar que isso não se tornou impedimento para desenvolver sua capacidade cognitiva, tornando-se uma boa aluna, curiosa, atenciosa, que tem demonstrado saber enfrentar os desafios do conhecimento, os quais lhe exigem não somente capacidade intelectual; mas, também, outras capacidades de natureza física, psíquica e socioemocionais.

Quando questionamos sobre as orientações da gestão em relação a maneira de lidar com as crianças, qual o papel a ser desempenhado pelos socio educadores e a forma correta de se comportar, e sua resposta foi a seguinte:

Eu vou ser bem sincera, eles não conversam muito com a gente né? A gente que é mãe, a gente os trata como nossos filhos, eu pelo menos, porque eu tenho meus quatro e meus filhos dizem que os meninos daqui eu cuido melhor do que eles. E realmente é verdade, porque os meus eu mal tenho tempo de ficar, né? E eles não, né? dou carinho, dou amor, eu tento repassar tudo de bom pra eles, eu ensino o que é certo e o que é errado, quando ela tá errada eu digo que tá errada. (Janaína, Entrevista realizada em 10/2019)

Para complementar sua visão sobre o seu papel como socio educadora junto às crianças, Janaína esclareceu que a maneira como Ananda e as outras crianças se comportam quando ela desaprova algo é reagindo com agressividade. Porém, argumenta que “tem que ter paciência né? Até porque a gente entende o lado deles” (JANAÍNA, Entrevista realizada em 10/2019).

Depois de finalizadas as perguntas, agradei pela sua participação e já com a gravação pausada, ela disse que Ananda é uma ótima criança e que se não fosse pelas dificuldades causadas pelo seu irmão, ela já teria sido adotada, que além de ser uma criança muito prestativa é bastante amorosa.

A entrevista com a socio educadora, juntamente com observações no espaço do abrigo nos dão subsídios para responder nossa primeira indagação e alcançar o objetivo específico correspondente, qual seja: como se dão as relações entre os socio educadores e as crianças. Constatamos, a partir daí, que tal relação tem sido pautada no acolhimento de forma maternal, baseada na empatia pelo sofrimento e sentimento de abandono vivido pelas crianças e, particularmente, por Ananda.

Esse espaço vem se configurando como um terreno de expressão de afetividade não somente para os internos; mas, também, para os socio educadores que ali atuam compartilhando um pouco da rotina, do dia a dia, das dores e alegrias das crianças, incentivando-as a valorizar o conhecimento escolar, a persistir no sonho de ter um lar, uma família. Relações desse tipo acabam reverberando para outros espaços, para outras dimensões da vida de cada um que ali está e que se sente afetado pelo convívio com essas crianças-guerreiras.

Tratamos agora da conversa com a professora de Ananda. A partir das observações feitas na escola, marcamos a entrevista para o segundo dia na instituição. Ao chegar na escola, nos deslocamos para a área do refeitório das crianças. Expliquei sobre o que tratava a entrevista e lhe disse que ela poderia se abster de responder a qualquer pergunta com a qual ela não se sentisse à vontade.

Iniciamos com algumas perguntas referente à sua vida pessoal e profissional. Tem 46 anos, é solteira e tem um filho, é professora desde o ano de 1996, completando 23 anos de profissão, com carga horária de 200 horas mensal. Sua graduação é em Pedagogia, com especialização em Educação Especial.

A primeira pergunta sobre Ananda foi de que forma a professora busca estabelecer uma boa relação com ela, e sua resposta foi direta e taxativa dizendo que conseguia porque “ela é uma aluna muito carinhosa, que chega perto, que chega junto, que gosta de abraçar, de tá perto, né. Ela fala pra mim coisas dela, pessoais e desde o começo foi assim” (VERA, Entrevista realizada em 10/2019).

O olhar da professora sobre a aluna é o mesmo olhar revelado pela socioeducadora do abrigo. São duas profissionais distintas, educadoras, mulheres, mães direcionando o foco para uma mesma criança e formando praticamente, o mesmo desenho, o mesmo perfil de uma menina maltratada e ferida em seus sentimentos, cuja vida poderia estar tomando outro rumo, marcado pelo rancor e o ódio. No entanto, ao invés de fomentar rebeldia, ela tem escolhido abraçar, acarinhar, afetar os outros que estão ao seu redor, instituindo relações sociais saudáveis e baseadas no convívio amoroso.

Com bem assevera Dantas, a afetividade, como expressão de sentimentos e paixões, é essencial para o bom funcionamento do aspecto cognitivo, vez que a “atividade emocional é complexa e paradoxal: ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social” (1992, p. 85).

Perguntamos então sobre como ela definia o comportamento de Ananda no período em que ela estava na escola, ela disse então que:

Olha, nesse tempo que ela tá estudando aqui com a gente, sempre foi uma aluna muito tranquila, atenciosa né, gentil comigo, sempre demonstrou muito carinho comigo e uma aluna que sempre executa tudo com muito capricho que sempre faz tudo com muito zelo, entendeu? Então sempre foi uma aluna muito especial nesse sentido de ser bem-comportada, atenciosa, de querer aprender, dedicada. (Vera, Entrevista realizada em 10/2019)

A fala da professora reafirma o quanto a Ananda é carinhosa e amorosa, mesmo com tudo o que já enfrentou em poucos anos de vida; e é no convívio com a professora e educadora que ela encontra o suporte afetivo que ela não tem acesso, por não ter uma família presente. E esse afeto presente na escola e no abrigo é que dá forças para que ela se sinta motivada com os estudos.

A pergunta seguinte foi sobre os momentos em que são abordados temas como a família, por residir em um abrigo e estar sem seus familiares, como a aluna se comporta e se esse assunto é evitado nas aulas. Segundo a professora:

Não, no geral, no tema família a gente sempre coloca a diversidade como é hoje, está a família, todas as situações dessas crianças que vivem nesses lares né e ela sempre foi muito aberta, nunca omitiu nada, sempre falou abertamente

comigo, da situação dela, de que ela já teve próxima de uma adoção. Me mostrou a carta que os pais que iriam adotá-la, das pessoas que pretendiam adotá-la deixou pra ela sabe, então nunca foi uma barreira. (Vera, Entrevista realizada em 10/2019)

A professora ainda completou seu comentário com uma fala sobre determinada situação na qual Ananda estava conversando com ela e lhe confidenciou:

A única coisa que ela já me disse que eu fiquei assim, depois eu fiquei pensativa, foi em relação ao irmão, era como se ela ainda continua lá, porque, pelo fato do irmão ser da maneira como é, de já ter tido uma desistência né, ou uma ou duas, eu não sei quantas foram, ela age como se ele fosse um atrapalho na vida dela, entendeu?! (Vera, Entrevista realizada em 10/2019)

Percebemos pelos relatos que Ananda não se envergonha nem se constrange quanto ao fato de viver num abrigo e se interessar para fazer parte de uma família que a aceite, que a acolha. Quanto ao irmão, especificamente, ela demonstra um certo rancor quanto aos processos passados que não foram adiante por conta do comportamento dele. Ananda - desde a mais tenra idade - sente-se responsável por seu futuro, imaginando que para conseguir uma família, seria melhor não ter um irmão. Isso é uma carga muito pesada para uma criança, exigindo de si um pensamento racional, ao mesmo tempo em que age com o coração, preferindo sacrificar o seu único parentesco familiar a correr o risco de não ter uma família.

Perguntamos a seguir sobre a maneira com Ananda se comporta quando temas como a família são discutidos em aula, se a professora chega a perceber alguma alteração em seu comportamento nessas situações, a mesma respondeu que:

Não, não, nenhum, ela fala no pai, o pai dela, acha que se chama Raimundo, ela fala desse Raimundo, falou já algumas vezes dele, mas nada que... Claro, se é lá no íntimo né, ela ainda não expôs de uma maneira assim, ou chorando ou se entristecendo, não, esses detalhes você vê que ela fala, em alguns momentos já falou da mãe, desse pai Raimundo, não sei se estou enganada, pelo menos foi isso que ela me disse. (Vera, Entrevista realizada em 10/2019)

Após sua resposta, perguntamos se Ananda havia comentado algo sobre a mãe, se teria dito algum possível nome para ela e a resposta foi: “a mãe, ela pergunta se eu quero ser a mãe dela.” (VERA, Entrevista realizada em 10/2019).

E, para encerrar a entrevista, questionamos sobre os colegas de sala, se eles sabem da situação atual dela, e caso eles soubessem, como eles se comportam em relação a essa informação, e segundo a professora:

Olha, nunca foi falado assim abertamente, talvez eu tenha falado sobre esse assunto pelo período da manhã, como a gente tinha um aluno que era também de lá e que as vezes né, tinha um comportamento, assim, que precisava até colocar para as crianças, pros alunos me ajudarem, me entenderem, talvez eu tenha falado sobre isso pela manhã. Mas a tarde sempre foi muito tranquila, eu não sei, não lembro realmente de ter abordado, de ter precisado, lembro que já falei livremente do assunto, das crianças que, eu mesma já falei, mas não especificamente direcionando, que ela está lá, que ela mora lá, entendeu?! (Vera, Entrevista realizada em 10/2019)

Percebemos que a relação criada entre a professora e Ananda na escola é idêntica à relação maternal que ela estabeleceu com a socio educadora no abrigo, marcada pelo carinho, atenção, demonstrando o afeto que existe entre elas. Mas, vimos que não é fácil para a professora lidar com um assunto tão delicado; com o fato de a aluna não ter família, de ter sido abandonada pelos pais, e de isso implicar em constrangimento para ela junto aos colegas na escola.

E, o pior, de isso afetar seu desenvolvimento cognitivo, seu aprendizado. Como se estivéssemos tratando de um segredo a ser guardado, quando na verdade, para a Ananda, é a história da sua vida, que ela demonstra a necessidade de dividi-la com os mais velhos, com os adultos, sobretudo, mulher, na tentativa de ser aceita e acolhida por uma delas.

Depois de finalizadas as perguntas, agradecemos a participação da professora pela entrevista e também pelo tempo e espaço disponibilizados em sua aula, e assim nos despedimos, com o coração apertado, mas cheio de esperança de ver um dia Ananda feliz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscamos investigar o papel da afetividade no desenvolvimento socio cognitivo de crianças residentes em uma instituição pública de acolhimento, bem como também no ambiente escolar.

Para atingir esse objetivo, propomos uma pesquisa com uma criança que foi separada de sua família e encontrou referência afetiva materna na socio educadora da instituição de acolhimento na qual ela está atualmente e na sua professora da turma do 1º ano na escola em que estuda. Para a construção dos dados usamos dois instrumentos eficazes, a observação da criança no espaço do abrigo e na escola, sobretudo, em sala de aula, bem como a entrevista semiestruturada com ambas as profissionais.

Partindo para os objetivos específicos, o primeiro que estabelecemos consistiu em investigar as relações que as crianças estabelecem com as socio educadoras da instituição e o que elas representam em suas vidas. Para isso, foi de extrema importância as observações feitas na instituição de acolhimento, para que pudéssemos ver a maneira como a criança se comporta, como age e reage socialmente; assim como a entrevista feita com uma das socio educadoras, com o intuito de conhecer melhor sobre as relações estabelecidas entre eles com os acolhidos, bem como saber se recebem algum tipo de orientação sobre a forma correta de lidar com eles.

Durante o percurso da investigação e análise dos dados, constatamos que a socio educadora, que é referenciada neste presente estudo como Janaína, estabeleceu uma relação bastante próxima com a criança e que isso se dá pela convivência diária com a mesma e pela necessidade de desempenhar o papel de pai e mãe. Essa proximidade foi se estabelecendo desde a chegada da criança à instituição, onde ela se sensibilizou com a situação de abandono, e acabou cuidando dela com mais atenção, da mesma maneira como trata seus próprios filhos. Percebemos, assim, uma relação afetiva tanto com as demais crianças quanto com uma das socio educadoras, e acreditamos que isso contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança e o bom desempenho escolar.

Como segundo objetivo buscamos evidenciar a maneira como a escola também lida com crianças residentes em instituições de acolhimento, trazendo como caso mais específico a situação de Ananda. Por meio das observações realizadas na escola e, principalmente, em sala de aula, averiguamos o comportamento da criança junto a seus

colegas de turma, mormente, com uma aluna que considera sua melhor amiga. Ananda demonstrou carinho, atenção, respeito, tanto com as demais crianças quanto com relação à professora.

Em entrevista com a referida professora foi possível constatar a maneira delicada e ponderada como é tratado o tema da família na sala de aula, assim como foi possível confirmar a relação afetiva que mantém com Ananda nas vivências diárias com ela. Identificamos que tanto a professora como a socio educadoras se esforçam para suprir e/ou amenizar a ausência da mãe e a falta de relacionamento familiar.

Em ambos os espaços educativos, portanto, percebemos a força da afetividade nas relações existentes com as crianças, desempenhando um papel importante e contribuindo efetivamente no desenvolvimento socio cognitivo; mais especificamente, no caso de Ananda, ainda tão criança e já carrega as marcas de uma vida pessoal apartada da família.

Desta feita, considerando os dados coletados, chegamos ao entendimento de que, não obstante o tema família ser recorrente na escola, a professora o aborda a partir da diversidade de famílias existentes, buscando reforçar o sentido de família como união, amor, amizade entre as pessoas. Segundo a mesma, já houve situações parecidas com outra criança que residia no mesmo abrigo, mas era bem mais difícil de lidar, deixando claro que as situações variam caso a caso, mas que todas elas são enfrentadas com carinho, respeito, compreensão, enfim, de forma afetiva, associando razão e emoção.

Sabemos o quanto esse tema é difícil de ser trabalhado nos diversos espaços formativos, sobretudo, no espaço escolar; e é justamente onde surge uma das grandes dificuldades atualmente, que é lidar com a dimensão cognitiva sem deixar de lado o aspecto afetivo. O aprendizado maior a ser extraído do estudo é que não podemos estabelecer prioridade de um em relação ao outro, pois no momento em que escolhemos um deles perdemos a oportunidade de ver os sujeitos como um todo, enfraquecendo os lados com suas múltiplas dimensões como ser humano.

No terceiro e último objetivo dessa pesquisa, que foi identificar de que forma a afetividade interfere na dimensão sócio cognitiva da criança e no seu aprendizado, foi possível alcançá-lo conversando/entrevistando e observando o convívio diário da criança com as demais pessoas que a cercam, nos locais em que vive e estuda.

A partir do exame do material coletado, verificamos que o humor da criança é instável e que por isso a criança apresenta algumas dificuldades na hora das atividades escolares, e os motivos causadores dessa instabilidade surgem da busca por atenção e carinho, dentre várias outras crianças, além dos processos de adoção que acabaram gerando expectativa e depois frustração ao não serem bem sucedidos.

Os sinais aparentes surgem não só nos momentos de tristeza na instituição, mas também no dia a dia na escola, ao desabafar com sua professora e sua colega mais próxima sobre a desistência dos pretendentes à pais adotivos, assim como as lembranças de sua família biológica. Assim chegamos ao entendimento de que para que o indivíduo consiga desenvolver sua capacidade sócio cognitiva, vai se fazer necessário uma perfeita simetria entre os campos afetivo e cognitivo. Entretanto se essa relação não estiver de acordo, como nas situações das crianças que residem nas instituições de acolhimento, onde a falta da família pode gerar um grande empecilho em suas vidas, fazendo com que o desenvolvimento do indivíduo fique comprometido.

Ao longo do processo das observações com a criança, a necessidade de atenção foi sendo evidenciada, já que nas vezes em que não foi feito o que a mesma queria de imediato, seu humor mudava completamente. A referida constatação exigiu uma atenção especial dos responsáveis, visto que quanto maior o tempo de permanência da criança na instituição, menores são as chances de ela ser adotada, prejudicando ainda mais seu desenvolvimento nas diversas dimensões, seja afetiva, socioemocional ou cognitiva.

Dessa forma, defendemos que o desenvolvimento do indivíduo só será completo se ele estiver inserido em um meio social saudável, para que receba a atenção necessária e assim atinja todas as suas capacidades. Defendemos isso por acreditarmos que a criança em sua trajetória de vida, precisa do vínculo familiar, caso contrário, terá mais dificuldade para um desenvolvimento saudável.

Retomando, assim a questão central que motivou a presente pesquisa: “qual o papel da afetividade no desenvolvimento sócio cognitivo da criança que reside em uma instituição pública de acolhimento?”, habilitamo-nos a advogar que a afetividade exerce grande influência no desenvolvimento e funcionamento da aprendizagem no indivíduo. Isso acontece pela interdependência existente entre esses dois aspectos, pois quando um não está funcionando tão bem, irá afetar diretamente o funcionamento do outro.

À vista disso, ressaltamos que o estudo em questão versa sobre o caso particular de uma criança, residente em uma instituição de acolhimento, pertencente a uma realidade específica e, portanto, sua função é de auxiliar futuros estudos para que possam ofertar maiores contribuições para a mesma questão. Se afirmamos a necessidade existente de uma criança de fazer parte de um convívio familiar saudável, é por acreditarmos que dessa maneira, terá mais condições de atingir todo o seu potencial, tendo acesso às oportunidades que poderão surgir, em prol de uma vida mais digna, justa e melhor, como todo ser humano merece desfrutar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Rev. Fac. Educ.** Goiânia, 2008. v. 33, n. 2, p. 343-357. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271> Acesso em: 22/07/2019
- ARANTES, V. A. Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.
- ARAÚJO, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.
- BATISTA, J. D. et al. A importância da família no processo de ensino aprendizagem dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais...** Natal: CEMEP, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA6_ID9768_17082016123124.pdf>. Acesso em: 25/09/2019
- GALVÃO, I. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KUPFER, M. C. M. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.
- LAKATOS, E. MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LEME, M. I. da S. Cognição e afetividade na perspectiva da psicologia cultural. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

SASTRE, G; MORENO, M. O significado afetivo e cognitivo das ações. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

SILVA, M. L.; CRUZ, V. A.; SILVA, F. F. A dimensão afetiva e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem: uma abordagem sociocognitiva. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 18, n. 3, p. 1303-1311, set./dez. 2014.

SOUSA, J. P. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. 2012. 20 p. Artigo (Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional) - Instituto de Estudos Superiores do Ceará, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, 2012.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, M. R. et al. **Influência da família no processo de ensino aprendizagem**. Cuiabá: Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, 20--?. Disponível em: <<http://www2.seduc.mt.gov.br/-/influencia-da-familia-no-processo-de-ensino-aprendizag-1>>. Acesso em: 23/07/2019.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Faculdade de Educação (FACED)

Curso Pedagogia

Aluna: Débora Evellyn Alves Pires

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva

- **Identificação:**

Idade:

Estado civil:

Tem filhos? Se sim, quantos:

Curso superior: Instituição e ano de conclusão:

Tempo de exercício na profissão:

Tempo de exercício no local em que atua:

- **Questões semiestruturadas:**

1. Você consegue estabelecer uma boa relação com a criança?

2. Como você define o comportamento da criança durante o período na escola? Justifique.

3. Em situações onde são trabalhados o tema da família (ex: dia das mães, dos pais, etc.), como essa questão é tratada?

4. Quando esses temas são tratados, você observa alguma alteração no comportamento da criança?

5. A criança já chegou a falar alguma vez sobre o assunto com você?

6. Os colegas de sala sabem sobre o assunto? Se sim, como eles lidam com isso? Se não, foi opção sua?

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM A SÓCIO EDUCADORA

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Faculdade de Educação (FACED)

Curso Pedagogia

Aluna: Débora Evellyn Alves Pires

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva

• **Identificação:**

Idade:

Estado civil:

Tem filhos? Se sim, quantos:

Curso superior:

Instituição e ano de conclusão:

Tempo de exercício na profissão:

Tempo de exercício no local em que atua:

• **Questões semiestruturadas:**

- 1.** Você tem acompanhado a criança desde a chegada dela no abrigo?
- 2.** Como foi a adaptação da criança ao chegar na instituição?
- 3.** No dia a dia a criança fala sobre a falta da família e como ela se sente em relação a isso?
- 4.** Qual a relação que a criança estabeleceu com você? Justifique.
- 5.** Como a criança se comporta em relação ao horário de estudo e de ir para a escola, em termos de dificuldade? Esclareça.
- 6.** Que tipo de orientações vocês recebem da instituição sobre a relação de proximidade com as crianças?